

Liberdade pra quê?



TARLIS SCHNEIDER/ACURCIA

Um dos muitos protestos por mais segurança no trânsito ocorridos em Porto Alegre

A importância da livre expressão para o avanço da democracia

P. Central

MEIO AMBIENTE

Os rumos da coleta de lixo na capital



P5

Audiodescrição para incluir deficientes visuais

Nos últimos cinco anos, vem crescendo no Brasil a atividade dos audiodescritores – profissionais que trabalham para traduzir imagens em palavras. O objetivo é fornecer o completo acesso de pessoas com qualquer tipo ou grau de deficiência visual ou cognitiva a produtos audiovisuais,

como filmes, peças de teatro e programas de tevê. Essa área já conta com cursos de formação de audiodescritores nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Hoje, a tevê digital brasileira dispõe de alguns poucos programas e comerciais com esse serviço. **P13**

Crise econômica exigirá ajustes a longo prazo

Para o professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS André Moreira da Cunha, a crise mundial está associada à redução da capacidade regulatória do estado em economias como a dos Estados Unidos. Nesse senti-

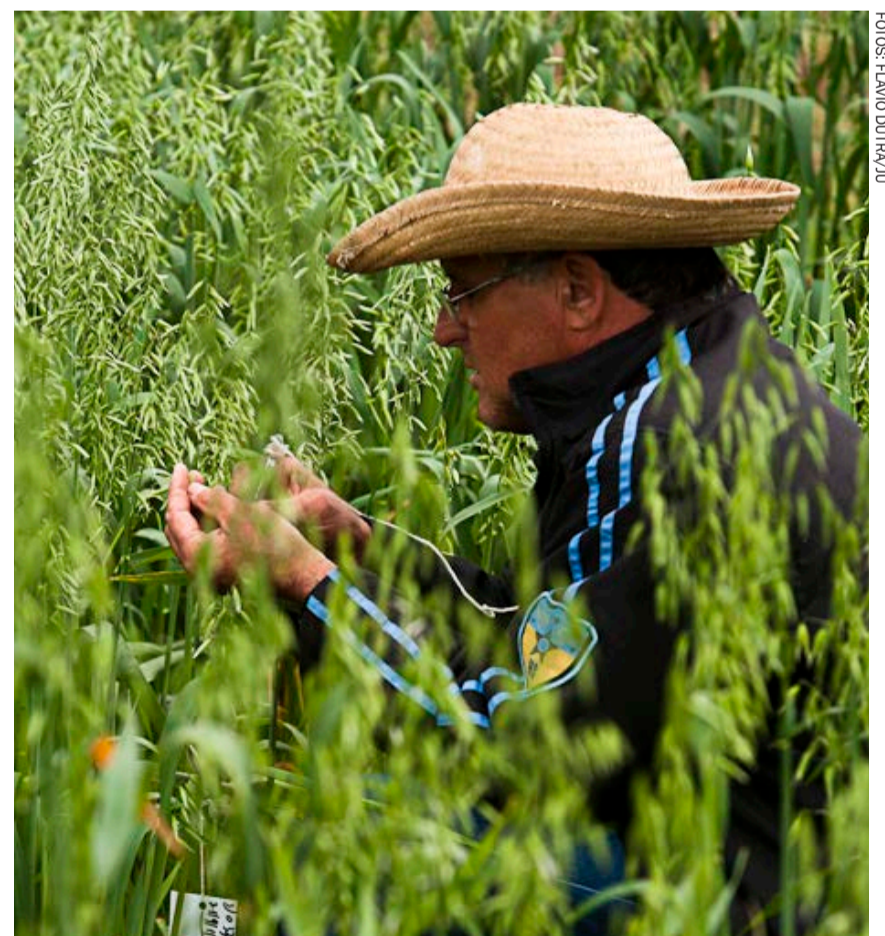
do, Antonio David Cattani, docente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade, critica a solução adotada pelos países ricos que apoiaram a transferência de recursos públicos para salvar bancos privados. **P10**

Edgar Morin

“É preciso preservar as virtudes das culturas locais” **P4**

Literatura

As dificuldades de quem tenta viver de poesia **P12**



FOTOS: FLAVIO OUTRAZ/JU

AGRICULTURA

Universidade lidera a pesquisa por novas variedades de aveia

P11

Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Universidade em constante evolução

A evolução das instituições acontece em ciclos. A renovação das pessoas e dos processos, bem como o ambiente e a definição de políticas institucionais, dão origem a fases que se sucedem, e algumas vezes são pouco percebidas pela comunidade universitária.

A UFRGS dá início a um ciclo de reafirmação e avanço de qualidade acadêmica, o que tem sido definido como “Universidade de Excelência”. Estabelecida como elemento norteador no PDI, a construção da excelência em ensino, pesquisa, inovação e extensão é feita em sintonia com a responsabilidade institucional de atuar como fator de propulsão ao desenvolvimento da sociedade.

Enquanto se inicia a última fase de expansão da graduação, com o término do programa Reuni previsto para 2013 e com o projeto do Câmpus Litoral tornando-se realidade com o anúncio de sua implantação, este é o momento de investir na qualidade. O reforço à pós-graduação, à pesquisa e à inovação passa a motivar reuniões, e novos

programas de apoio estão sendo gestados. A UFRGS participa ativamente desse processo e se prepara para as novas oportunidades – o ciclo da excelência.

Um exemplo é o *Programa Ciência sem Fronteiras*, recentemente apresentado pelo governo federal, que oferece bolsas de estudo para estudantes de graduação e pós-graduação nas melhores universidades dos Estados Unidos e da Europa, com o objetivo de promover a internacionalização da ciência, da tecnologia e da inovação, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.

Para dar visibilidade a todas essas ações e acompanhar de perto o nascimento de importantes projetos que marcaram o dia a dia da UFRGS, é produzido o *Jornal da Universidade*. O JU se insere nesse ciclo de excelência. No mês em que assinala seu 14.º aniversário, o *Jornal* dará início a uma série de reportagens intitulada *JU 15 anos*, que abordará o desenvolvimento da instituição nesse período. A primeira reportagem trata

das mudanças no sistema de matrículas desde a década de 1950 até os dias de hoje. Mostra o crescimento da atividade que já ocupou centenas de pessoas durante vários dias nas salas do Anexo e que hoje, totalmente informatizada, é realizada rapidamente a distância pela *web* (com a única exceção da primeira matrícula dos calouros, ainda presencial). Um ganho de eficiência e confiabilidade, resultado de um processo de inovação que articulou setores e pessoas que colocaram seus talentos a serviço do avanço da instituição. O JU, com excelente qualidade editorial e gráfica, tem-se revelado um veículo essencial para trazer à discussão temas de interesse e relevância para a Universidade e para a sociedade, e tem acumulado distinções, como o Destaque Andifes, o Prêmio Interamericano de Jornalismo Ambiental e prêmios ARI.

Excelência acadêmica e institucional a serviço da sociedade: esse é o novo ciclo que se inicia.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcellos, Daltro José Nunes, Edison Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissara
Editora
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva, Everton Cardoso e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Gustavo Demarchi
Fotografia
Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falchetta
Bolsistas
Dalane de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochmann (jornalismo) / Elisa Bortolini (fotografia) / Victória Zdzanski Cirio (Relações Públicas)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Pesquisa do câncer

Sugiro que o JU faça uma reportagem sobre os avanços na pesquisa de tratamentos contra o câncer. O RS é um dos estados do país com um dos mais altos índices de incidência de câncer de mama, por exemplo. Penso que seria importante mostrar o que os pesquisadores da área da saúde têm feito nessa área em termos de desenvolvimento de novos tratamentos que causem menos sofrimento às pacientes.

► Sandra L. Machado, servidora estadual aposentada

Arroio Dilúvio

Gostaria que o JU abordasse o projeto de despoluição do arroio Dilúvio, que está sendo desenvolvido pela UFRGS em conjunto com a PUCRS e as prefeituras de Porto Alegre e de Viamão. A imprensa diária fez algumas reportagens sobre esse projeto, mas agora parece que o assunto “saiu de moda”. Qual a proposta das duas grandes universidades da capital pra acabar com esse problema?

► Lucimar Vianna, professor estadual

Fonoaudiologia

Na coluna “Meu Lugar na UFRGS” foram citados os cursos que têm aulas no Laboratório de Anatomia. No entanto, um equívoco foi cometido: a Fonoaudiologia foi esquecida. Juntamente com a Fisioterapia e a Biomedicina, é um dos cursos que mais tem aulas de anatomia, depois da Medicina. Obviamente, a matéria não foi feita para descrever os cursos que lá têm aulas, todavia, se houve uma referência a esses, que estejam todos.

► Andressa Colares, aluna da Fonoaudiologia UFRGS

Memória da UFRGS

ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE / ESEF-UFRGS



1951 Grupo de remadores do Clube de Regatas Almirante Barroso chega ao aeroporto Salgado Filho, retornando de torneio internacional.

Artigo

Oportunidade de intercâmbio para estudantes de licenciatura

A internacionalização da educação superior é considerada fator relevante para o desenvolvimento dos países em um mundo globalizado. É grande o número de universidades que estabelecem parcerias com o intuito de propiciar a seus estudantes intercâmbios de estudo. No contexto brasileiro, a realização de intercâmbios internacionais para estudantes de graduação é relativamente recente, no entanto, já faz algum tempo que a UFRGS possibilita a oportunidade de realização de estudos no exterior para seus estudantes de graduação.

Uma das iniciativas mais inovadoras da mobilidade internacional na graduação é, sem dúvida, o Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI). Este programa constitui-se numa iniciativa da Capes e da Universidade de Coimbra/Portugal, com o apoio do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, e visa elevar a qualidade da formação inicial de professores nas seguintes áreas: Química, Física, Matemática, Biologia, Português, Artes e Educação Física. O PLI, além de destinar-se exclusivamente aos alunos de cursos de licenciatura (modalidade de formação geralmente pouco privilegiada em intercâmbios internacionais em relação a outras áreas de formação), apresenta outro diferencial: a dupla titulação. Os estudantes selecionados para participar desse projeto iniciaram seus estudos na UFRGS e, durante os dois anos em que estiverem na Universidade de Coimbra, irão cumprir um plano de estudos previamente

estabelecido entre os coordenadores dos cursos da UFRGS e da Universidade de Coimbra (UC). Quando retornarem ao Brasil, esses estudantes irão finalizar sua formação, cursando mais algumas disciplinas, para, então, obter dois títulos: o diploma do Primeiro Ciclo da Universidade de Coimbra e o diploma de Licenciatura da UFRGS.

Além da dupla diplomação, outras características fazem do PLI um programa de mobilidade internacional interessante. A primeira delas é a isenção do pagamento das taxas na universidade portuguesa e o recebimento de bolsas de estudo da Capes durante o período de estudo na UC. Essa situação, além de garantir a possibilidade de dedicação integral dos estudantes às atividades acadêmicas, não exige de seus familiares o compromisso de arcar com as despesas de dois anos de estudo no exterior valores que, para a maioria da população brasileira –, são demasiadamente altos e inviabilizam o sonho de estudar em uma universidade no exterior.

Outro aspecto a considerar é a formação acadêmica diferenciada. Estudar na UC é ter a oportunidade de diversificar experiências, de ampliar a formação, de cursar disciplinas diferentes daquelas oferecidas na UFRGS. Os alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física, por exemplo, têm a possibilidade de conhecer e praticar o ensino de algumas modalidades esportivas que a UFRGS não oferece em seu currículo, como patinação, canoagem, rúgbi, esporte de orientação

e escalada esportiva. Os estudantes das Artes Visuais irão cursar algumas disciplinas direcionadas ao cinema, tais como história e estética do cinema e crítica cinematográfica. Portanto, os estudantes que participam desse Programa vivenciam experiências acadêmicas diversificadas, o que amplia e qualifica a sua formação.

Além disso, o programa propicia conhecimento sobre a cultura portuguesa. Conhecer a história de Portugal, os usos e costumes de seu povo, seus rituais acadêmicos, sua gastronomia, seus artistas, sua produção cultural, é uma experiência muito interessante. Coimbra costuma oferecer diversos eventos culturais e, muitas vezes, os estudantes têm ingresso diferenciado para assistir a esses eventos.

Finalmente, os alunos selecionados no PLI têm contato com estudantes de países diversos e com estudantes brasileiros de diferentes regiões. Participam do programa mais de trinta universidades do Brasil. Dessa forma, além de ampliar suas relações de amizade com brasileiros, os novos bolsistas do PLI recebem auxílio daqueles que já estão em Coimbra há mais tempo, o que torna mais fácil o processo de adaptação à cultura portuguesa.

Talvez um dos aspectos mais marcantes da participação neste Programa seja o amadurecimento pessoal. A estadia de dois anos em Coimbra acaba por oportunizar aos estudantes o aprendizado relativo à gerência da sua própria vida. É necessário

aprender a administrar o seu dinheiro, a lidar com as diferenças que são reveladas na convivência diária com os colegas que dividem a moradia, a superar desafios diversos. É praticamente impossível regressar ao Brasil sem ter muitas histórias para contar. A percepção da vida, do mundo também sofre alterações: costuma ser bastante diferente daquela que se tinha quando houve a decisão de participar dessa mobilidade internacional.

Na primeira edição do Programa de Licenciaturas Internacionais, em 2010, foram estudar na UC sete alunos da UFRGS: quatro da Licenciatura em Educação Física, dois da Licenciatura em Matemática e um da Licenciatura em Letras. Na segunda edição desse Programa, participarão catorze alunos da UFRGS: sete da Licenciatura em Educação Física e sete da Licenciatura em Artes Visuais.

Em 2012, os participantes da primeira edição do PLI estarão retornando à UFRGS, e temos a expectativa de enviar novos estudantes para a terceira edição do Programa. Se você ficou interessado em se tornar um bolsista do PLI, fique atento ao período das inscrições para pré-seleção de novos bolsistas no início do próximo semestre e acesse o site www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/portugal/licenciaturas-internacionais.

Lisiane Torres
Coordenadora do Programa de Licenciaturas Internacionais



Fernando Galembeck

“A memória é fundamental no ensino de Química”

Em 22 de setembro, o pesquisador Fernando Galembeck, diretor do Laboratório Nacional de Nanotecnologia do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais esteve na UFRGS para ministrar a Aula Magna do segundo semestre.

Na palestra, ele falou sobre a evolução da Química, desde a alquimia até o momento presente, e também sobre as perspectivas na área, destacando a demanda por sustentabilidade e o papel que pode ser desempenhado por essa área do conhecimento no enfrentamento dos desafios que terão de ser encarados nas próximas décadas, especialmente no que diz respeito a questões como poluição ambiental e demanda por bens materiais. “Temos uma população crescente que quer melhorar sua qualidade de vida e, ao mesmo tempo, tem de fazer isso com recursos finitos. E como a Nanotecnologia pode ajudar no uso de recursos finitos? Ela nos oferece meios para podermos pensar em produzir muito mais bens sem onerar o ambiente e sem usar excessivamente recursos que não são renováveis.” O professor ressaltou ainda que, combinada à Química, a Nanotecnologia permite que valorizemos muitos bens que hoje estão disponíveis em abundância, mas deixam de ser reutilizados, como os resíduos agrícolas. Ele citou como exemplo o caso do cultivo de milho no Brasil, do qual a única coisa que aproveitamos é o grão, já que o restante é descartado. “Mas eu pergunto se esse resto não poderia ser transformado em matérias-primas industriais”, acrescentou.

Em entrevista concedida antes de sua fala, Galembeck disse que o papel da pesquisa para os avanços nessa área é muito grande. “Posso basear essa

afirmação em dois pontos: olhando para problemas do passado e olhando para problemas que não foram resolvidos. Podemos pensar, por exemplo, em pneus de automóveis. Eles existem há mais de 100 anos, mas, quando tive meu primeiro carro, era necessário calibrá-los pelo menos uma vez por semana. Hoje, ninguém sabe o que é calibrar pneus. Isso é uma evidência das mudanças que resultam de pesquisa desenvolvida em laboratórios ao redor do mundo. Um exemplo de uma coisa que não sabemos fazer: a celulose, um material extremamente abundante, mas que gera uma quantidade enorme de resíduos agrícolas. Nós não sabemos transformar com eficiência esses resíduos em filmes parecidos com plástico, em fibras ou em diferentes materiais de construção. Por outro lado, os materiais chamados de MDF, feitos aqui o Rio Grande do Sul basicamente com sobras de madeiras, nos dão uma ideia do quanto mais deveria ser possível fazer. Temos de aprender. E como vamos fazê-lo? Fazendo pesquisa”, observou.

Ensino – Perguntado sobre o medo que a Química costuma provocar em muitos estudantes, o professor disse acreditar que existe um problema geral na educação brasileira, localizado no fato de que associamos memória e memorização de conteúdos com decorar. “As duas coisas são muito diferentes. Quando a pessoa memoriza o que entendeu, ela tem os conteúdos no cérebro e pode usá-los a qualquer momento. Ao contrário, quando decora, simplesmente tem um verniz de alguma informação que é capaz de repetir e que, provavelmente, daqui a dois ou três meses, terá sido apagada.” Para ele, essa confusão leva muitos estudantes



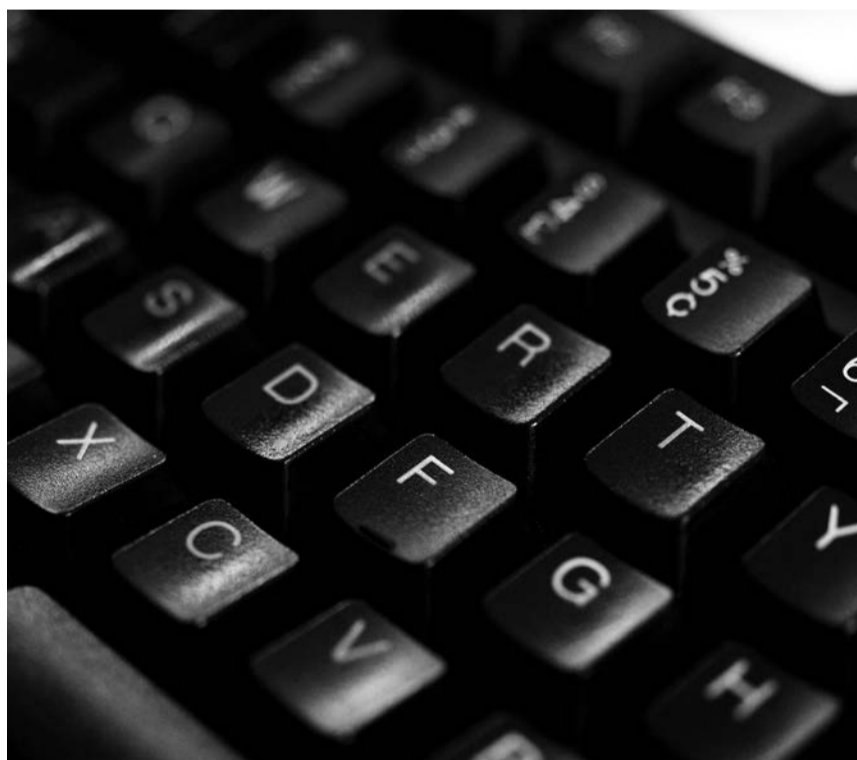
Para o professor, o menosprezo dos estudantes brasileiros pela memória prejudica o aprendizado

FOTOS: FLAVIO DURAN/JU

e professores a minimizaram e até a ridicularizarem o papel da memória. E isso, no caso especial da Química, é extremamente prejudicial, porque ela requer o conhecimento sobre muitas entidades e muitos comportamentos. Adquirir esse conhecimento envolve um razoável grau de memorização, mas alunos brasileiros frequentemente não só não estão preparados para isso, como também menosprezam essa habilidade. Segundo Galembeck, esse, dentre os problemas estruturais da educação brasileira, parece ser o que mais afeta a Química. No entanto, ele fez questão de frisar que, apesar disso, estudantes brasileiros têm mostrado um desempenho extremamente bom

em muitas situações em que são postos em competição com estudantes de outros países.

Mas, para fazer a diferença em termos educacionais e garantir o desenvolvimento do país, o pesquisador acredita que uma boa formação docente nos cursos de licenciatura é fundamental. E citou como exemplo o caso da Coreia do Sul, país que até 1949 era miserável e contava com apenas 25% da população alfabetizada. “A valorização dos professores, considerados os profissionais mais importantes daquele país, é que fez a diferença. Hoje, os sul-coreanos assumiram uma posição de liderança em muitos setores da economia e da tecnologia”, concluiu.



Tecnologia

Universidade lança Sala de Aula Virtual

Foi lançado oficialmente, durante o Salão UFRGS 2011, o ambiente da Sala de Aula Virtual da Universidade. Desenvolvido por meio de parceria entre a Secretaria de Educação a Distância (SEAD) e pelo Centro de Processamento de Dados, o ambiente integra o Projeto UFRGS Virtual, que conta com apoio da Capes. A Sala de Aula Virtual disponibiliza ferramentas de apoio a professores e alunos para a realização de atividades educativas online nas disciplinas dos cursos presenciais de graduação e de pós-graduação. Inicialmente, foram disponibilizados recursos

básicos, como informações sobre a atividade de ensino-aprendizagem e correio eletrônico para comunicação entre todos os participantes da atividade de ensino. Os recursos ‘Agenda’ e ‘Fórum de discussão’ estão em implementação e outras ferramentas estão sendo debatidas com a comunidade acadêmica. Com a Sala de Virtual, professores e alunos passam a contar com um ambiente de ensino online totalmente integrado ao sistema acadêmico, acessível via Portal do Aluno ou Servidor. Outras informações pelo e-mail suporte-sav@ufrgs.br.

Encontro

UFRGS promove 5.º Congresso Brasileiro de Extensão

Tendo por tema “As Fronteiras da Extensão”, será realizado, de 8 a 11 de novembro, na UFRGS, o 5.º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU). O evento tem como objetivo a troca de experiências, a apresentação de propostas e resultados e, principalmente, a oportunidade de refletir criticamente sobre a extensão universitária no Brasil. A programação contará com conferências, mesas-redondas, minicursos e atividades culturais, bem como apresentações de trabalhos nas modalidades de comunicação oral, tertúlia e oficinas, permeando as oito áreas temáticas da extensão – Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, e Trabalho.

O encontro, que ocorre desde 2002, foi idealizado pelos três Fóruns de Extensão Universitária e organizado pela UFRGS, PUCRS, UFCSPA e Uniritter. Uma novidade desta edição será a Tertúlia, uma nova modalidade de debates, em que os participantes reúnem-se em uma roda e discutem os diversos temas, aquecidos por um mate amargo.

A conferência de abertura do Congresso, intitulada “Tem fronteiras a extensão?”, será proferida pelo educador e sociólogo peruano

Oscar Jara, no dia 8, às 15h, no Salão de Atos da reitoria. Discípulo de Paulo Freire, ele tenta seguir à risca uma das mais célebres frases de seu mestre: “Não quero ser replicado; quero ser reinventado”. Com mais de três décadas de experiência em educação popular, Jara trabalhou junto a agricultores de seu país natal. Isso acabou levando-o a percorrer vários países da América do Sul e, finalmente, a se radicar na Costa Rica, onde atualmente dirige o Centro de Estudos e Publicações da Rede Alforja e coordena o Programa Latino-americano de Apoio à Sistematização de Experiências do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (Ceaal). No Brasil, ele já realizou atividades de formação com o MST e com o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (Mova), no Rio Grande do Sul.

Após a conferência, haverá uma sessão de autógrafos, às 17h30min, e, às 20h, a apresentação de um espetáculo do grupo Tholl no Salão de Atos. O espetáculo é direcionado aos participantes do CBEU.

Inscrições e a programação completa do evento podem ser acessados pelo site www6.ufrgs.br/5cbeu. Mais informações através do telefone (51) 3308-3196 ou pelo e-mail 5cbeu@ufrgs.br.



UFRGS TV

Em Sintonia Com

Humberto Gessinger: um retorno à UFRGS

O programa *Em Sintonia Com* apresenta uma entrevista com o músico e vocalista Humberto Gessinger, das bandas Engenheiros do Hawaii e Pouca Vogal. Familiarizado com o mundo da música desde cedo, aos seis anos de idade ganhou o seu primeiro violão e aprendeu a tocar o instrumento por conta própria.

A ligação de Humberto com o meio acadêmico teve início em 1981, quando decidiu ingressar na Universidade para cursar Arquitetura. Como estudou a vida inteira na mesma escola, foi na UFRGS que encontrou um cenário diversificado para viver novas experiências, amadurecer e construir conhecimentos mais amplos sobre o mundo. Além do crescimento pessoal, a Faculdade foi fundamental para o surgimento da banda Engenheiros do Hawaii, reconhecida nacionalmente. Quando Humberto ingressou no curso, os tempos de uma pós-ditadura ainda eram recentes, e a formação da banda tem muito a ver com esse momento. “A Engenheiros do Hawaii é indissociável do clima que vivia a faculdade naquela época”, ressalta.

Apesar de ter sido montada para apenas uma apresentação na faculdade, a banda acabou dando certo e o sucesso logo veio. A agenda de shows cada vez mais movimentada fez com que Humberto deixasse o curso e se dedicasse apenas à carreira musical. Quando o grupo já acumulava três discos de ouro, surgiu a necessidade de os integrantes se mudarem para o Rio de Janeiro, onde permaneceram por cerca de oito anos.

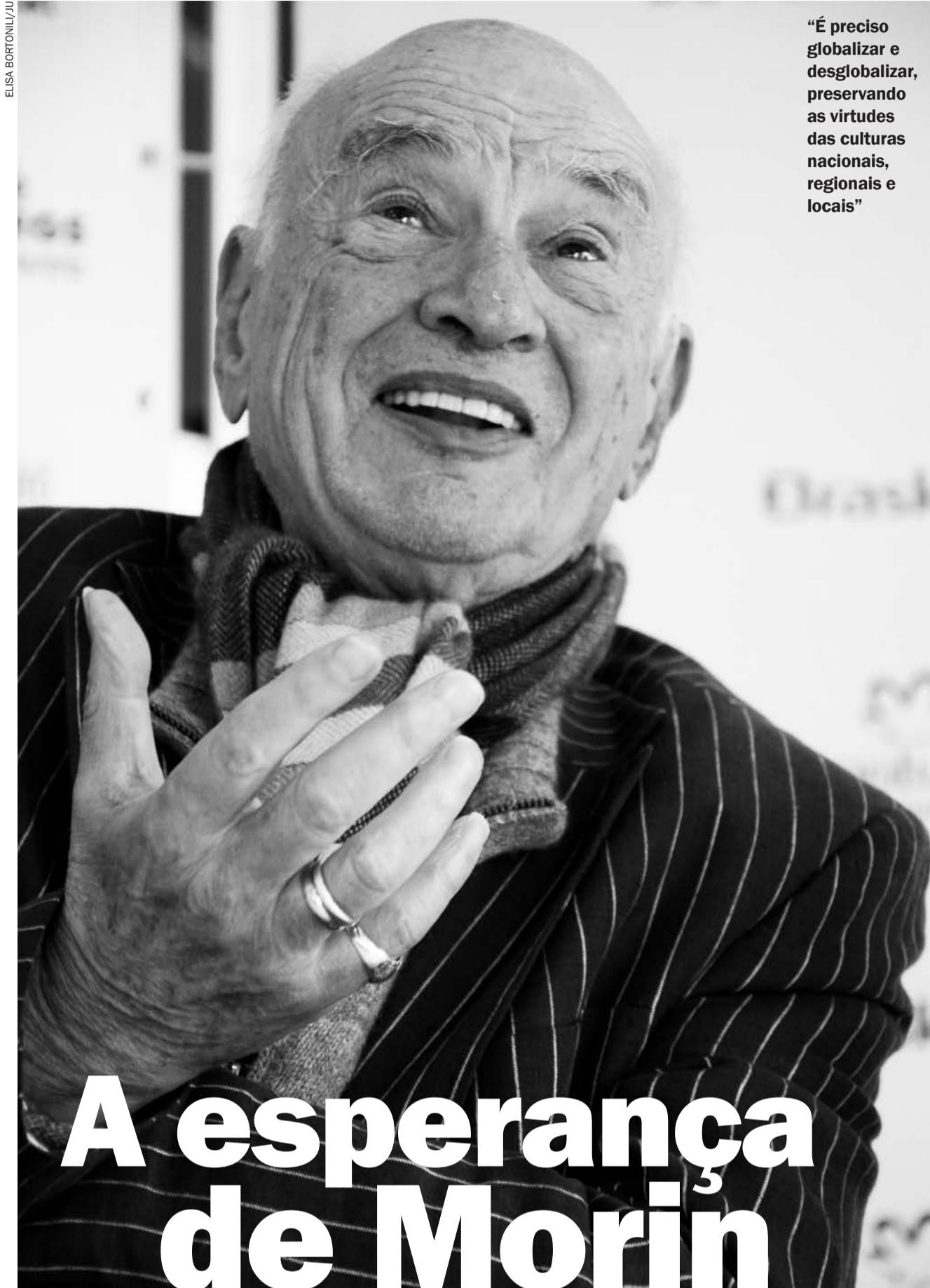
Em 2008, os Engenheiros do Hawaii optaram por dar uma pausa. Aproveitando para levar adiante um desejo antigo, Humberto valeu-se do momento para formar, junto com Duca Leindecker, o Pouca Vogal. Inicialmente, as composições da dupla foram disponibilizadas apenas na internet, em sintonia com o panorama atual do consumo da música. Humberto acredita que as novas tecnologias mudam as formas de se usufruir a cultura e que o uso das redes sociais, a exemplo do Twitter, facilita a difusão das informações e aproxima o artista de seu público. “Sempre fui um cara muito tímido, então eu acho mais interessantes essas relações via computador”, conta.

Apesar das facilidades eletrônicas, Humberto acredita que é de se pensar o fato de o mundo do áudio ter ficado mais “careta” depois das novas possibilidades tecnológicas de trabalhá-lo. “A necessidade de reinventar a cada música é uma lógica industrial, e não uma lógica da arte”, complementa. O músico destaca, ainda, que o processo criativo deve nascer de uma tarefa conjunta entre a arte e o ofício. “Pra mim, se for só arte, me dá sono; se for só ofício, me irrita”, conclui.

Bruna Oliveira é estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

Assista aos programas

Para saber mais sobre Humberto Gessinger e sua trajetória na música, assista ao programa *Em Sintonia Com* da UFRGS TV, disponível no site youtube.com/ufrgstv.



“É preciso globalizar e desglobalizar, preservando as virtudes das culturas nacionais, regionais e locais”

A esperança de Morin

Fronteiras do Pensamento
Aos 90 anos, filósofo francês continua buscando caminhos para um mundo melhor

No dia 8 de agosto, o filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin esteve em Porto Alegre para participar do Fronteiras do Pensamento. A palestra, inspirada em seu mais recente livro, *La voie - Pour l'avenir de l'humanité* (O caminho - Para o futuro da humanidade), ainda sem tradução no Brasil, substituiu a do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, impossibilitado de viajar devido a problemas familiares e que teve uma entrevista sua transmitida no evento.

Agradecendo em português a acolhida calorosa do público, Morin iniciou seu discurso afirmando que vivemos num momento de crise geral da humanidade. Compreender esse processo, que atinge desde o pensamento até os partidos políticos, é pensar a economia globalizada na qual estamos inseridos. Esta economia, criticou o filósofo, não possui nenhuma regulação verdadeira, e as crises que vêm se sucedendo desde 2008 exemplificam isso.

Nesse contexto, explica ele, há o grande problema dos Estados Nacionais. Incapazes de resolver suas dificuldades sozinhas, essas nações necessitam se associar: “Nós precisamos não apenas proteger os Estados Nacionais, mas

criar também realidades metanacionais, supranacionais. Temos a ONU, mas ela é muito fraca, ainda não tem força para resolver questões em escala planetária”.

Seguindo o raciocínio, Morin comentou sobre o fenômeno que chamou de “polvo tentacular”. De acordo com ele, o século XX foi ameaçado pelo polvo dos totalismos fascistas, stalinistas, nazistas e maoístas. Com a morte dessas correntes, surgiram em toda parte fanatismos nacionalistas, étnicos e religiosos. “Hoje, devido à economia globalizada, outro polvo tentacular enlouqueceu, o polvo da especulação financeira. E observem como esse fenômeno é mais poderoso do que os estados: basta que uma agência baixe a nota de crédito dos Estados Unidos para que haja um pânico geral”, refletiu.

Para o francês, um sistema que não consegue lidar com seus problemas possui três possibilidades: desintegração, regressão ou metamorfose. “O sistema do planeta Terra hoje é incapaz de tratar dos problemas vitais da fome, da economia desregulada, das armas nucleares e da morte ecológica. E está condenada a se desintegrar se for incapaz de uma metamorfose em seu seio.”

Morin afirma que a capacidade de se metamorfosear em todos os estágios é algo possível, e cita como exemplo a própria história humana, que evoluiu de pequenas sociedades de caçadores para sociedades com belezas da civilização e bárbarias. “Cada um de nós, quando está no ventre da mãe, é uma espécie de animal aquático, que não conhece o oxigênio, mas que, ao nascer, ganha outra vida, sofre uma metamorfose”, disse.

Ambivalências – Segundo o filósofo, a globalização não representa apenas a destruição das realidades locais e a

criação de imensas desigualdades e misérias, ela também possibilita trocas culturais muito maiores. “Pela primeira vez, todos os seres humanos, sem que o saibam, estão unidos numa mesma comunidade de destino. Eles vivem os mesmos perigos e os mesmos problemas fundamentais. Tudo isso cria condições para o surgimento de um novo mundo”, explicou. É preciso, portanto, “globalizar e desglobalizar”, manter o que há de positivo na globalização, mas preservar as virtudes das culturas nacionais, regionais e locais.

A mesma lógica é aplicada aos conceitos de desenvolvimento e crescimento. Em relação ao primeiro, é necessário, disse ele, “desenvolver e envolver”, equilibrar a expansão material com uma “política de humanidade, que reconheça os aspectos singulares de cada nação e promova uma simbiose entre o que é criado no ocidente e o que é feito nas antigas culturas tradicionais”. Já o crescimento deve ser rumo a uma economia solidária e verde.

A vida, acrescentou Morin, também precisa ser polarizada entre a prosa e a poesia. “A prosa da vida é aquilo que fazemos para sobreviver. Já a poesia é o que nos abre para a vida, é o que nos faz viver. A poesia da vida está no amor, na amizade, na comunhão, na dança e no êxtase”, enumerou. Para o filósofo, os valores mais importantes são o amor e o conhecimento: “E aos noventa anos eu quero continuar nesse sentido”.

De acordo com o francês, já é possível vislumbrar iniciativas criadoras em todo planeta, mas elas ainda são completamente dispersas e desconexas. Ele cita o caso brasileiro do Conjunto Palmeiras, em Fortaleza, criado em 1977 por conta do remanejamento de populações que viviam em áreas de risco. Hoje o local

Duas faces do pensador

O universo da cultura de massa e a educação são tópicos recorrentes nas reflexões de Edgar Morin. Sobre esse último tema, o pensador francês escreveu livros importantes, como *Os sete saberes necessários à educação do futuro* e *Educar para a era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*.

Segundo Jorge Barcellos, doutorando em educação pela UFRGS, essas duas obras representam a fase mais madura do filósofo. “A educação só surge em seu pensamento quando ele descobre, após a reconstrução da teoria do conhecimento, em ‘O Método’, que é preciso, simplesmente, ensinar”, explica. Para Jorge, a maior contribuição de Morin aos educadores é a incorporação de uma atitude política ao ensino: “Ele deseja uma educação do futuro que revele a unidade humana. E num mundo globalizado e fragmentado politicamente só podemos fazer isso assumindo uma posição política a favor dos menos favorecidos”.

Já no campo da comunica-

ção, Juremir Machado, jornalista e coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS, comenta que o pensamento de Morin sempre foi equilibrado. “Ele trouxe essa ideia de que devemos ver a comunicação de uma maneira complexa. Ao mesmo tempo que os meios de comunicação têm muita força, os indivíduos também têm capacidade de filtrar as informações. Para ele, o que hoje chamamos de mídia nunca foi a responsável pelo que somos ou deixamos de ser”, diz.

Àqueles que querem conhecer as ideias de Morin sobre a comunicação, Juremir recomenda *As estrelas e O cinema ou o homem imaginário*, livros que refletem sobre a sétima arte e seus fenômenos culturais. Segundo o jornalista, o interesse do filósofo por temas ligados ao cotidiano torna seu pensamento mais empático. “Morin destaca-se pela sua razão sensível e generosa, que presta muita atenção em como as pessoas vivem as coisas e valoriza os saberes de cada indivíduo”, completa.

Quem é ele?

Nascido em Paris no dia 8 de julho de 1921, Edgar Nahoum era filho único dos judeus Vidal Nahoum e Luna Beressi. O sobrenome atual o pensador só o adotou depois de participar, durante a Segunda Guerra Mundial, da Resistência Francesa – movimento formado por aqueles que não aceitavam a submissão do governo de Pétain ao poder nazista. “Morin” foi o codinome utilizado enquanto tenente das forças combatentes francesas.

Seu campo de estudos é vasto:

formado em Direito, História e Geografia, também realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Economia. É considerado o pai da Teoria da Complexidade, noção que propõe uma multidisciplinaridade na construção do conhecimento. Pesquisador emérito do *Centre National de la Recherche Scientifique*, possui mais de 60 livros publicados. Dentre eles, destaca-se a obra de seis volumes “O método”, que condensa a maior parte de suas ideias.

abriga aproximadamente 30 mil habitantes e possui banco e moeda próprios. “Eu diria que o Brasil dispõe de riquezas naturais e de riquezas humanas excepcionais. É uma civilização de simbioses. Sei que o país tem grandes problemas de desigualdade e corrupção, mas é uma nação que evolui na solução das suas adversidades. Eu penso que devia me instalar no Brasil”, brincou.

Compreender o outro – O sociólogo aponta para a dificuldade humana de compreender o que vem de outras culturas. “Precisamos reformar nossa vida no sentido da construção do outro”, resumiu. Para Morin, somos muito mais humanos com os personagens do cinema, do teatro ou de um livro do que com os indivíduos da vida comum. “Compreender a outra pessoa é compreender a complexidade do ser humano. É entender que aquilo que ele fez de errado não é a única coisa que pode caracterizá-lo”, disse.

Morin também afirmou que todas as reformas propostas – econômica, mental, cultural – devem ser intersolidárias: “Só poderemos mudar nosso caminho se córregos se unirem para criar um rio, e se rios se unirem para criar um Amazonas. Tudo deve começar ao mesmo tempo”. Segundo ele, essa é a condição para que a espécie humana fuja da catástrofe e continue sua aventura.

Uma luta grandiosa – As antigas gerações, explicou o filósofo, tiveram tantas ilusões, como o comunismo e o socialismo, que hoje não acreditam em mais nada, estão decepcionadas. “Já as novas gerações encontram-se em pleno desamparo, numa situação de incerteza. Elas têm em si, obviamente, potencialidades e uma aspiração criadora, mas

não sabem para onde ir”, lamentou.

Morin relatou que hoje muitos jovens na França lhe dizem que teve sorte, porque a causa pela qual lutava quando era mais novo era justa e clara: havia um país subjugado, e a luta era pela liberdade. “Eu digo ‘sim e não’, porque, de fato, durante a Resistência [francesa] nós tínhamos a impressão de que a nossa causa era pura e justa. Mas saibam que, quando a guerra foi ganha, a França, ao invés de dar liberdade à Argélia – e vocês sabem que muitos argelinos combateram no exército francês –, ela fez o contrário, uma grande repressão. Então, lutávamos por uma causa justa, mas ela possuía sombras que nós não víamos”, analisou.

O filósofo afirmou que hoje os arte-sãos da renovação e da mudança estão em toda parte e em todas as classes sociais, são homens e mulheres, jovens e velhos. “Hoje eu digo para os jovens que eles têm uma causa ainda mais justa, mais bela e maior do que aquela pela qual nós estávamos dispostos a sacrificar nossas vidas. Eles têm a causa da humanidade”, disse.

Nesse sentido, a esperança é o fio condutor do pensamento de Morin. Apesar de não significar uma certeza, disse ele, a esperança é o fermento necessário para chegarmos ao caminho da metamorfose, e nada na vida pode ser feito sem ela. “Nada está garantido, mas, ao mesmo tempo, uma nova humanidade é possível. Não um mundo perfeito, já que ele sempre terá suas carências, suas lacunas e trará consigo as tragédias e a morte, mas um mundo melhor. Esse é o caminho”, concluiu sob aplausos.

Daiane de David, estudante do 6.º semestre de jornalismo da Fabcio



Recicladores no galpão de triagem da Nova Chocolatão

FLÁVIO DUTRA/JU

Do discurso à prática

Meio ambiente O grande desafio de reciclar o que consumimos

Reduzir, reutilizar e reciclar. Dos três erros da educação ambiental, o último é o mais difundido e associado à consciência ambiental: todos sabem da necessidade de reciclar. Quando se trata do meio ambiente, no entanto, a prática costuma estar longe do discurso. Alguns termos, como sustentabilidade, são lugares-comuns atualmente – ainda que nosso mundo esteja muito longe de ser sustentável.

“A gente discursa muito sobre sustentabilidade. Está na hora de começar a praticá-la. Temos de fazer com que isso deixe de ser um conceito abstrato e passe a ser concreto”, afirma Darci Campani, coordenador de Gestão Ambiental da UFRGS. Segundo ele, “grandes gestos só ocorrem a partir de pequenos gestos”. O desafio é difundir a ideia de que ações banais do cotidiano repercutem, de fato, no meio ambiente, e, mais do que isso, que essa filosofia seja realmente adotada.

Campani cita como exemplo a Po-

lítica Nacional de Resíduos Sólidos, aprovada em 2010, que regulamenta a gestão desses resíduos. “Esse grande gesto só ocorreu porque algumas pessoas fizeram um monte de pequenos gestos no sentido de que essa política tinha de sair. Foi uma mobilização de 21 anos”, diz, referindo-se ao intervalo de tempo entre o início das discussões do projeto e a sua aprovação no Congresso.

Coleta automatizada – Em julho, o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) da prefeitura de Porto Alegre implementou o sistema de coleta automatizada em parte da cidade, com a colocação de contêineres para armazenamento do lixo orgânico. São 1.100 ao total, em uma área que representa 9% da capital e abrange 13 bairros.

Campani vê na instalação dos contêineres um dado positivo, mas questiona o fato de estes serem destinados apenas ao lixo orgânico: “Da forma como foi

implementado, é um bom incentivo para acabar com a coleta seletiva”. Segundo ele, os moradores da cidade, por comodismo, podem acabar descartando ali seu lixo reciclável – mesmo sabendo que não é o lugar adequado.

Há indícios que dão conta de que os moradores têm, de fato, ignorado a coleta seletiva por conta dos contêineres. Desde que estes foram instalados, há casos recorrentes de incêndios, que os inutilizam e obrigam a sua substituição. Esses atos de vandalismo não teriam surtido efeito se, dentro dos contêineres, houvesse apenas lixo orgânico – no qual o fogo não se propaga, ao contrário do seco. Além disso, eles não foram pensados para abrigar o volume que o lixo seco ocupa, muito maior do que o orgânico. Assim, o equipamento enche mais rápido do que o esperado e obriga os moradores a depositarem seus resíduos fora do contêiner. Ou seja, quando se veem na rua sacos de lixo – justamente o que o sistema pretendia evitar –, isso pode significar não um atraso dos coletores, mas um erro dos porto-alegrenses.

De acordo com o professor Campani, será necessária a disponibilização, pela prefeitura, de dois contêineres. “O sistema tem que induzir à consciência ambiental”, diz, citando o exemplo de Caxias do Sul, onde isso ocorre.

O supervisor de operações do DMLU, Adelino Lopes Neto, acredita que o processo esteja se dando “no sentido inverso”. Para ele, se antes sacos dos dois tipos de lixo ficavam juntos na rua, hoje os que ali estão são apenas os recicláveis. Segundo Adelino, cerca de 90% do lixo

produzido na capital é orgânico. Assim, a lógica indicava a necessidade de, em um primeiro momento, priorizar esse tipo de resíduo. Mas “a tendência a longo prazo”, diz ele, “é que tudo seja mecanizado”.

A coleta seletiva foi iniciada em Porto Alegre em 1990. De acordo com o DMLU, é a única capital brasileira com 100% de cobertura do sistema, hoje totalmente terceirizado.

Ena Universidade? – Andréa Moura Bernardes e Hugo Marcelo Veit, professores do Departamento de Materiais da Escola de Engenharia da Universidade, ministram disciplinas de graduação sobre reciclagem e meio ambiente. Todos os cursos de Engenharia devem ter ao menos uma cadeira com esse viés. Segundo eles, a consciência ambiental dos alunos “tem melhorado” na comparação com anos anteriores, quando as disciplinas foram criadas. Desde 2006, a Universidade oferta o curso de graduação em Engenharia Ambiental.

Os dois professores atuam no Laboratório de Corrosão, Proteção e Reciclagem de Materiais (Lacor), que mantém uma linha de pesquisa sobre a reciclagem de materiais metálicos. O lixo urbano estudado ali é a sucata eletrônica – computadores, celulares, baterias e pilhas. Esses aparatos têm elementos que são interessantes de serem recuperados, do ponto de vista econômico, e que preocupam ambientalmente. A Política Nacional de Resíduos Sólidos é “muito boa” como diretriz, no sentido de distribuição de

responsabilidades, mas “as empresas ainda têm muito a caminhar”, de acordo com os docentes.

A UFRGS tem agentes ambientais em cada um dos prédios. São pessoas que tentam fortalecer a coleta seletiva. Para Darci Campani, a existência de duas lixeiras coloca todos “frente à realidade”. “Ao ver duas lixeiras, as pessoas, no mínimo, têm de se questionar. Podem até decidir por colocar no lugar errado, mas têm de optar”. São três os destinos dos resíduos da Universidade: ou são recolhidos pelo DMLU, ou vão para a Vila Pinto, ou vão para a Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital São Pedro (ATUT).

Um problema das lixeiras da UFRGS é o fato de muitas ficarem ao relento: se chover antes de o material seletivo ser recolhido, parte dele é inutilizada – papel molhado, por exemplo, não pode ser reciclado. O desgaste pelo tempo também fez com que se apagasse a instrução de algumas lixeiras, restando a distinção de cores – azul para o seco e preto para o orgânico –, nem sempre respeitada.

Campani alerta para a necessidade de, primeiro, diminuirmos a geração de resíduos. O que restar do consumo deve ser reciclado com rendimento máximo – o que só acontecerá se for mantido um processo de educação ambiental. “Temos de estar sempre batendo na tecla. O trabalho de conscientização deve ser constante. Só assim haverá uma mudança cultural”, conclui.

João Flores da Cunha, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

Reciclagem gera renda para moradores da Nova Chocolatão

Em maio, os antigos moradores da Vila Chocolatão começaram a ser realocados para um loteamento no Bairro Morro Santana. Lá foi instalada uma unidade de triagem de resíduos conveniada com o DMLU. As despesas operacionais são bancadas pela prefeitura.

O dia em que a reportagem do JU foi ao galpão de triagem era o primeiro em que Vanessa Sampaio trabalhava ali. Ela era orientada por sua amiga Fabiana da Silva Januário, que indicava para qual das bombonas iria papelão, jornal ou garrafas. Quando uma delas estava cheia, Fabiana gritava “Bomboneiro!”, e um homem – seu marido – vinha substituir a bombona por uma vazia. Na

ponta da mesa de triagem, seu irmão, Felipe, tirava dali os rejeitos – o que não pode ser aproveitado, chamado por eles de *lixo*. Este é composto, entre outras coisas, de material reciclável sujo – potes de plástico com resto de alimento, por exemplo. Como é financeiramente inviável limpá-los, acabam sendo jogados fora. Segundo Fabiana, os resíduos que mais aparecem misturados ao material seletivo são de comida podre. “Devem achar que a gente é urubu”, brinca. A única proteção que eles usam são luvas.

Estar ao lado de amigos e familiares é apontado por eles como um dos pontos positivos de se trabalhar no galpão – todos que ali estão são moradores do loteamento. Longe do

centro da cidade, as oportunidades de emprego escasseiam. Vanessa conta que recebe pouco mais de 200 reais mensais de programas de assistência social do governo. Fabiana trabalhava em um restaurante quando morava na antiga Chocolatão. Ambas têm filhos pequenos. Felipe, 19, conta que, quando se candidatou a empregos em mercados, ouviu que não seria contratado por ser morador de uma vila.

Todos recebem, a cada duas semanas, um valor que muda conforme a produtividade – o mínimo até hoje foi R\$ 100 e o máximo, R\$ 270, ou seja, menos de um salário mínimo por mês. Os rendimentos são divididos igualmente entre os trabalhadores.

A formação de uma associação de moradores da antiga Chocolatão, há cerca de um ano, possibilitou que o galpão de triagem funcionasse assim. Graças ao envolvimento do Instituto Vonpar no projeto de reassentamento, o trabalho tem a assessoria da organização não governamental CAMP. Jacqueline Vitti, funcionária da ONG, afirma que “a noção de um empreendimento é uma coisa na teoria, e outra na medida em que o negócio vai andando”. A prioridade deles, segundo Jacqueline, é aumentar o rendimento do negócio.

Para quem era catador na rua, a mudança para o galpão foi enorme. Agora sua perspectiva de futuro deixou de ser “trabalhar durante o dia para

comer à noite”. Jacqueline conta que o acompanhamento realizado pela ONG envolve trabalhar a autoestima dos trabalhadores do galpão, que, com o tempo, começaram “a deixar de se sentirem como quem estava sobrando na sociedade. Eles dizem que, antes, ‘As pessoas passavam por nós de carro com cara de nojo’”. Esse melhora da autoestima aconteceu “na medida em que eles foram se dando conta da importância” do seu trabalho. “Nós dissemos a eles: ‘Vocês têm um papel social importantíssimo para o meio ambiente e para a sociedade: fazer com que aquilo que foi consumido volte para a indústria e depois para as prateleiras, em um novo ciclo’”, afirma Jacqueline.



Vida acadêmica

Por que algumas disciplinas de cursos de graduação existem apenas no papel

Existem três tipos de disciplinas em um curso de graduação: as obrigatórias, as facultativas ou adicionais (de livre escolha do aluno, mas seus créditos não integralizam o currículo) e as eletivas. Estas últimas, explica Nádia Martins, diretora de Cursos e Projetos Acadêmicos da UFRGS, são ofertadas para enriquecer a formação acadêmica dos graduandos: “Quando fazemos o leque de disciplinas eletivas, procuramos colocar à disposição cadeiras que tragam alguma coisa além do que o currículo está propondo”. Entretanto, de fato, nem sempre todas as opções desse “leque” costumam estar disponíveis aos alunos.

Uma estudante de Direito que pediu para não ser identificada ficou decepcionada ao perceber que, no sexto semestre, ainda não havia conseguido cursar algumas das disciplinas eletivas que lhe chamaram a atenção ao entrar na UFRGS. “Tenho muita vontade de fazer ‘Justiça e Instituições’ e ‘Organização Judiciária’, mas elas nunca foram ofertadas”, comenta.

Matheus Torma da Silveira, estudante do oitavo semestre de Ciências Econômicas, pode citar pelo menos seis cadeiras eletivas existentes em seu curso que não estão disponíveis para matrícula há algum tempo. Ele destaca a disciplina “Análise da Conjuntura”, criada em 1987 e ministrada, na época, por Carlos Augusto Crusius, ex-marido da governadora Yeda Crusius. Ronaldo Herrlein, coordenador da Comissão de Graduação da Economia, confirma que essa eletiva está há pelo menos seis anos sem abrir turma.

“O fato de essas cadeiras integrem o currículo do curso e não estarem acessíveis aos alunos regularmente faz com que a formação acadêmica torne-se, de certa forma, limitada. Quanto a mim, o que mais sinto é frustração mesmo”, resume Mauro Moreira, estudante do oitavo semestre de Engenharia Mecânica. Para Matheus, essas eletivas não chegam a prejudicar a obtenção de conhecimentos básicos – bem contemplados, segundo ele, nas cadeiras mais introdutórias –, mas os alunos deixam de adquirir saberes específicos.

Os exemplos citados acima fazem parte do que chamamos informalmente de “eletivas fantasmas” – cadeiras que, apesar de figurarem nas possibilidades de matrícula dos alunos, são ofertadas muito raramente. Essa situação é observada em praticamente todos os cursos da UFRGS, mas são poucas as pessoas que sabem os motivos de isso ocorrer.

Explicações – Uma das razões é que os responsáveis por determinadas eletivas aposentam-se ou redirecionam seus interesses de pesquisa, optando



Eletivas fantasmas

por outras cadeiras. “Com o passar dos anos, os professores podem trocar o seu campo de estudo, mudar o foco e a própria formação”, explica Nádia. Nesses casos, a disciplina não é retirada imediatamente do currículo. Ela permanece disponível, mas sem oferecer turmas por não existirem docentes com interesse acadêmico na área ou carga-horária livre.

O tempo que o professor precisa passar em sala de aula é preenchido, em primeiro lugar, por cadeiras obrigatórias. Quando da alocação de novos docentes, a prioridade também é para disciplinas com esse caráter. “É o professor contratado que determina, a partir da sua área de estudos, as eletivas com as quais ele pode trabalhar”, observa a diretora de Projetos Acadêmicos da Universidade.

Em alguns casos, para que não se formem turmas com baixo número de alunos, a Pró-reitoria de Graduação (Prograd) sugere que as cadeiras sejam ofertadas matrícula sim, matrícula não. Dessa forma, aumenta-se a demanda, agrupando os alunos interessados de dois semestres. Isso porque, de acordo com Nádia, “turmas constituídas por um número muito pequeno de estudantes têm a integração, os trabalhos em grupo, as atividades e a troca de experiências prejudicados”.

Para Nádia, “o adequado seria que uma disciplina eletiva que, em reiterados semestres, não tem professor, fosse tirada do quadro curricular”. Ela explica que, ao contrário do que ocorre com uma cadeira obrigatória, remover uma eletiva do currículo não é tão complicado. O processo exige apenas

que se tenha uma boa justificativa e que os alunos que já fizeram a disciplina no passado não percam seus créditos. Denise Dornelles, técnica em assuntos educacionais da Prograd, também concorda com a necessidade de se eliminarem as “eletivas fantasmas”. “Seria preciso fazer uma limpeza nas grades curriculares, retirando o que nunca foi oferecido porque não existe docente no departamento que consiga ministrar a disciplina, ou porque ela já está com o conteúdo defasado. Os alunos procuram novidades dentro de um projeto pedagógico”, diz.

Espaço de escolha – Ronaldo Herrlein, coordenador da Comissão de Graduação do curso de Economia, reconhece que “há um número grande de disciplinas de Economia que não tem tido oferta regular”. Entretanto, ele ressalta que “o dilema é desativar e deixar de ter opções. Existe uma margem para acomodar situações novas, professores

novos e alunos de outras instituições que trazem estudos feitos em disciplinas que encontram correspondência aqui, pois as opções de eletivas são amplas. Mantê-las têm o lado positivo de, por meio de certas mudanças, incrementar alguma área com uma cadeira que estava desativada”.

Ele já foi favorável a retirar do currículo as disciplinas-fantasma: “Minha preocupação era a seguinte: o aluno que vê de fora tem uma ideia errônea – ele vê no currículo matérias que não estão acontecendo”. Porém, reviu sua posição. Cadeiras que não ocorriam há anos foram assumidas por professores; outros manifestaram interesse em ministrá-las futuramente. Eliminá-las significaria acabar com essa possibilidade.

O curso de Economia está passando por uma transição, após a reforma do currículo em 2010. A partir dela, os alunos têm de fazer 11 cadeiras eletivas, quatro a mais do que era exigido na grade antiga. Assim, novas disciplinas

desse tipo foram criadas por iniciativa de professores. Sua disponibilização, porém, é incerta. O número de obrigatórias é quatro vezes maior que o de eletivas. Como aquelas não podem deixar de ocorrer, são elas as cadeiras prioritárias, e não as eletivas.

Ronaldo admite que não há garantia de que essas novas disciplinas serão ofertadas. “O máximo que conseguimos ter é a clareza de que quem está propondo pode ministrar em um horizonte visível”, diz. Para ele, o que um departamento precisa assegurar aos alunos é o “espaço de escolha”. “O estudante vai escolher dentro do que existe ofertado realmente. Se o aluno tem que fazer 11, e em um semestre, como o corrente, ele tem 40 turmas de disciplinas para fazer, ele está bem servido”, conclui.

Daiane de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochhann, estudantes de Jornalismo da Fabico

O que o aluno pode fazer

Segundo Nádia Martins, diretora de Projetos Acadêmicos da UFRGS, uma alternativa para diminuir o número de “eletivas fantasmas” é o estudante procurar a Comissão de Graduação (Comgrad) de seu curso e solicitar a abertura da disciplina. “Mas o aluno deve verificar se aquela cadeira realmente não é ofertada há muito tempo ou se ela fica disponível semestre sim, semestre não”, ressalta. A técnica em assuntos educacionais

da Universidade Denise Dornelles diz que, se houver um conjunto maior de pessoas pedindo, a chance de se obter sucesso é maior. “Quando há um grupo consistente pleiteando, os departamentos percebem que existe demanda. Para nós, é muito oneroso manter uma disciplina para dois ou três alunos”, revela. Outra maneira, explica Ronaldo Herrlein, coordenador da Comgrad da Economia, é conversar diretamente com os docentes: “A

iniciativa mais certa pra conseguir que uma eletiva aconteça é convencer um professor a lecioná-la”.

Seja qual for o caminho escolhido, o importante, destaca Nádia, é o estudante lutar por seus direitos com responsabilidade. “A mobilização faz parte da formação do aluno como cidadão. Só não pode cobrar que a instituição ofereça uma disciplina, e depois acontecer de ninguém se matricular”, afirma.

Dois pontos

► Verbos impessoais: haver e fazer

O termo **impessoal** (sem pessoa) designa a inexistência de sujeito da ação indicada pelo verbo. Como não há sujeito para determinar a concordância verbal, os verbos impessoais são fixados na terceira pessoa do singular. Assim, quando é possível substituí-lo por ‘existir, continuar a existir, acontecer, ocorrer’, o verbo **haver** é impessoal. Por exemplo:

■ **Havia** [Existiam] muitas pessoas inconformadas com a decisão do presidente [e não haviam]. Houve [ocorreram] casos de tifo naquela área [e não houveram].

A regra se mantém no caso de ‘haver’ formar locução com verbo auxiliar.

■ **Deve haver** [Devem existir] muitas pessoas inconformadas. **Pode haver** [Podem existir] compradores interessados no atleta. **Estava havendo** [Estavam ocorrendo], enfim, muitos boatos.

Como anotado entre colchetes nos exemplos acima, os verbos ‘existir’, ‘ocorrer’ flexionam normalmente em consonância com o sujeito – o que, e esse é o tópico, não ocorre com o ‘haver’.

Quando, porém, ‘haver’ puder ser substituído por ‘ter’, a concordância é normal.

Ainda não **havi**am [tinham] sido feitas as promoções.

Em tempos compostos (dois verbos atuando juntos), ‘haver’ concorda com o sujeito.

■ **Eles haviam prometido** uma solução. **Ele havia prometido** uma solução. **Nós havíamos prometido** uma solução.

No sentido de **tempo passado**, os verbos ‘haver’ e ‘fazer’ também são impessoais, em expressões como *há cinco anos, faz cinco anos; havia três meses, fazia três meses*.

■ **Faz cinco meses que não a vejo**. A regra mantém-se no caso de haver um auxiliar: *Vai fazer seis meses que ele foi promovido. Deve fazer dez meses que cheguei*.

Aliás, nessa situação, como ‘haver’ está indicando tempo passado, é redundante dizer **‘há duas semanas atrás’**, pois se trata, indubitavelmente, de tempo transcorrido; portanto o **‘atrás’** é redundante. Deve-se escrever: *há duas semanas ou duas semanas atrás*.

Aproveitando, sobre **a e há**, no sentido de tempo: ‘a’ indica futuro.

■ **Chegará daqui a uma semana**.

‘Há’ indica passado e pode ser substituído por ‘faz’.

Morreu há dois dias.

Isso aconteceu há muitos anos.

‘Fazer’, com sentido de meteorologia, também é impessoal.

■ **Fez dias muito quentes**.

Sete erros: identifica, no texto abaixo, as formas inadequadas a respeito dos temas desta coluna.

Há alguns anos atrás, fizeram dias tão quentes, que houveram vários casos de internação hospitalar em razão de problemas respiratórios. Nos hospitais, estava havendo mutirões de profissionais da saúde para dar conta da situação. Os secretários da administração municipal havia encaminhado uma série de medidas. Vão fazer alguns anos que isso ocorreu, mas se esperam soluções definitivas para daqui há dois meses, quando se iniciará a próxima temporada de calor. Ao menos, foi o que havia proposto os administradores da saúde.

Antônio Falcetta, revisor de textos
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



Um evento grandioso

JU
15
anos

História O que mudou no sistema de matrícula da UFRGS de 1950 até hoje

Para marcar o aniversário do *Jornal da Universidade*, que neste mês completou 14 anos, iremos publicar, nas próximas 12 edições uma matéria sobre as principais mudanças ocorridas na UFRGS. A primeira reportagem da série destaca o processo de matrícula dos alunos de graduação.

Dia de matrícula na Universidade: confortável em seu quarto, na frente do computador, você, aluno da UFRGS, escolhe as disciplinas que vai querer cursar no próximo semestre. Bastam alguns cliques para, enfim, o processo terminar e você poder seguir suas outras atividades. O máximo de transtorno e preocupação que pode surgir é não conseguir vaga em alguma cadeira e precisar repensar o horário nos links "ajuste da encomenda" e "matrícula de ajuste". Entretanto, antes da implementação do Portal do Aluno, em 2004, inscrever-se nas cadeiras desejadas costumava ser muito mais trabalhosos.

Do "pacote" à livre escolha – De 1950 até o início da década de 70, os estudantes não tinham como escolher horários e cadeiras. "A matrícula era um 'pacote', como no colégio. Os alunos que entravam deviam sair juntos", conta a bibliotecária de sistemas Zita Oliveira, que cursou Biblioteconomia na UFRGS de 1970 a 1972. Além disso, a inscrição era anual, e os estudantes precisavam se dirigir à secretaria acadêmica do seu curso para garantir a vaga.

José Palazzo, professor do Instituto de Informática da UFRGS, estudou Engenharia Elétrica entre 1964 e 1968. "Naquele período, a matrícula da Engenharia era feita com cartões perfurados", relata. De acordo com Daltro José Nunes, professor do Instituto de Informática e criador desse sistema, cada estudante recebia a quantidade de cartões, com o código e a turma da disciplina,

A matrícula era um ato quase tão significativo quanto o vestibular ou a formatura

correspondente ao número de cadeiras que iria cursar – além de um primeiro com seu nome e número de matrícula. Os papéis eram perfurados por um computador no Centro de Processamento de Dados (CPD). Ao final desse processo, um relatório era emitido e afixado num mural para que os alunos, no dia seguinte, pudessem verificar o resultado da sua matrícula. Os cartões perfurados foram usados durante algum tempo apenas na Escola de Engenharia, pioneira no uso de tecnologia nas matrículas.

Em meados de 1970, a matrícula passou a ser semestral e feita num único lugar, o prédio do Ciclo Básico (atual Instituto de Psicologia), passando, mais tarde, para o anexo da reitoria, no Câmpus Centro.

O período de matrícula durava uma semana. A fim de evitar tumulto, as inscrições eram divididas em horários, estipulados com base no ordenamento. "Se a pessoa não estivesse lá quando

fosse chamada, perdia a vez e ficava com as cadeiras que tivessem vaga sobrando", explica Jussara Musse, diretora do CPD e aluna da Engenharia Elétrica entre 1977 e 1981.

Outra mudança ocorrida nos anos 70 foi a flexibilização na escolha de turmas, que permitia ao estudante montar seu horário livremente. A ideia parecia inovadora, mas, em plena ditadura militar (1964-1985), os motivos por trás dela se mostraram outros. "Descobrimos depois que essa pulverização dos horários foi uma forma de desfazer as turmas para evitar a formação de 'grupos subversivos'", diz Palazzo.

O modelo de matrícula dessa época não mudou muito com o passar dos anos – apenas a tecnologia utilizada foi se modernizando. Segundo Jussara, ao chegarem à sala do "pregão", os alunos se deparavam com um quadro-negro preenchido com o nome, os horários e as vagas de todas as cadeiras do curso. Munidos de um formulário, cada estudante idealizava possíveis grades de aula. Um interfone servia de comunicação entre esse local e a sala em que ficavam os professores da Comissão de Graduação do curso. Após o aluno conversar com os professores, ele se encaminhava a um dos teletipos, uma espécie de máquina de escrever eletromecânica, onde um bolsista transcrevia sua escolha e finalizava o processo.

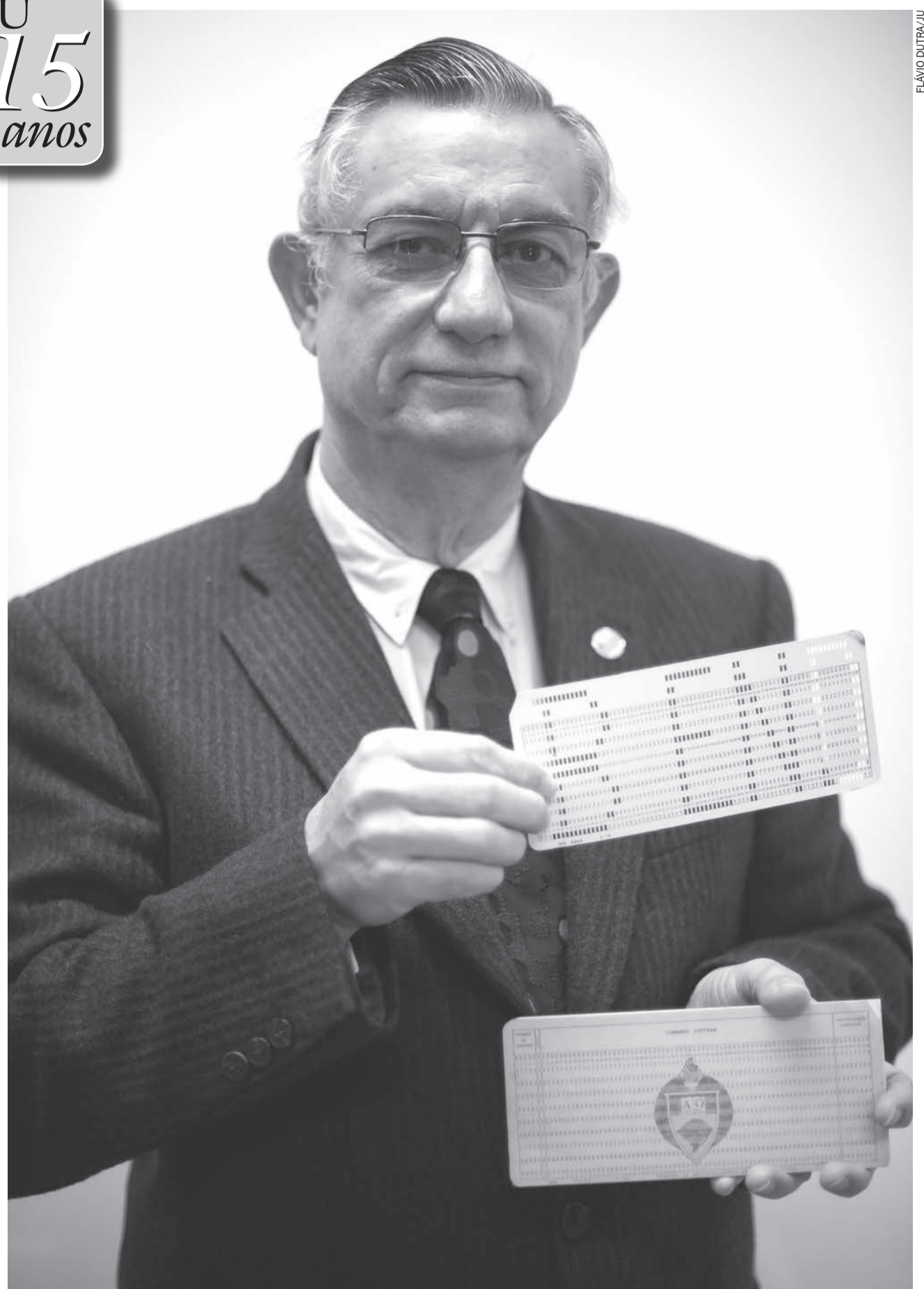
O problema, comenta Jussara, era quando começava a contagem regressiva das vagas. "Conforme os alunos se inscreviam, a gente [professores] ia riscando o controle de vagas e, pelo interfone, avisávamos à sala dos alunos. Lá, havia alguém que ia mudando o número de vagas no quadro. Quando uma turma fechava, os estudantes corriam para fazer outro horário antes de serem chamados", relembra.

Ainda em 70, o Ministério da Educação instituiu que todo curso de graduação deveria ter duas atividades de Educação Física no currículo, as chamadas "práticas desportivas". O aluno deveria se matricular em dois semestres em algum esporte. "Depois que se fazia a matrícula do curso, a gente ia para uma sala diferente e escolhia, se ainda tivesse vaga, uma dessas práticas. Aí os alunos diziam: 'Vamos de uma vez com a matrícula, que está estourando a turma de futebol lá do outro lado!'. Tu tinhas que ser rápido", diverte-se Denise Coutinho, diretora do Decordi e graduada em Jornalismo pela UFRGS em 1985. Essa diretriz curricular, explica ela, perdurou até 1996.

Anos 80 – Em meados de 1980, os teletipos foram substituídos por terminais. "Era simplesmente um monitor – a inteligência continuava no computador central do CPD", enfatiza Hubert Ahlert, diretor do Departamento de Sistema de Informação da UFRGS. Mesmo assim, explica ele, a mudança já representou uma evolução.

Jussara lembra que os terminais utilizados na época quebravam frequentemente, o que ocasionava filas enormes. "Na sexta-feira, o pessoal deixava todos os terminais instalados e, na segunda, primeiro dia da matrícula, dois ou três já não funcionavam", conta. Apesar das falhas, os dados dos alunos não chegavam a ser perdidos, uma vez que as informações ficavam armazenadas no servidor do CPD.

Às vezes, segundo Denise, acontecia de faltar energia durante a matrícula, o



Nos anos 1960, o professor Daltro José Nunes criou um sistema de matrículas que utilizava cartões perfurados

que tumultuava ainda mais o processo. "Havia boicote também. Alguns grupos de alunos sabotavam o fornecimento de energia e faziam tudo parar. Acho que um pouco por motivos políticos, porque a matrícula da UFRGS, num determinado momento, era paga", lembra. A taxa simbólica era convertida em bolsas destinadas aos alunos que trabalhavam no processo. Mais tarde, porém, estudantes de Direito entraram com liminares, e a inscrição passou a ser gratuita.

Novas mudanças – Um evento curioso que acontecia em todas as matrículas era a "barganha". Durante o processo de inscrição, havia quatro tipos de formulários: o azul, recebido por todos, era para o primeiro encaminhamento; o rosa era para matrícula extracurricular ou Curso 2; o branco era para disciplinas criadas de última hora; e o verde era para vagas suplementares, preenchido toda vez que faltava vaga numa turma. "O nível de ralado em que o cara estava era medido pela quantidade de folhas verdes que ele tinha", brinca Jussara.

Conforme Denise, a barganha acontecia na sala dos conselhos, onde ficavam a diretora do Decordi e os coordenadores do curso, cada um com seu "bolinho" de folhas coloridas a postos. "A diretora dizia assim: 'Cálculo I, turma A, mais 10 vagas'. E os cursos 'pelevavam' entre si por essas 10 vagas. A Matemática dizia 'eu quero duas', a Física, 'três' e a Engenharia, 'queremos trinta!'. A diretora tinha, então, que decidir quantas vagas iam para cada curso ou se criava mais uma turma.

Em 1996, surgiram duas novas alterações na matrícula da Universidade. A primeira foi a substituição dos terminais por microcomputadores, dotados de

uma interface mais "amigável", mas ainda dependentes do computador central do CPD. A segunda mudança foi a descentralização do processo. "As unidades dos cursos passaram a se comprometer com a eficiência da matrícula, e o pessoal do Decordi prestava assessoria por telefone", explica Denise.

"A matrícula era uma ação que o reitor, o vice-reitor e o pró-reitor de graduação acompanhavam de perto. Era um ato quase tão significativo quanto o vestibular ou a formatura", ressalta Jussara. Hubert comenta que era impossível a administração não se envolver no processo: "Criavam-se filas e, no momento seguinte, a imprensa estava no câmpus, cobrindo o fato. Então, a direção tinha de se pronunciar rápido".

Muitas histórias inusitadas ocorriam nos dias de matrícula. "Como os alunos passavam a tarde inteira na reitoria, eles levavam amigos, namorados, pais. Havia uma coordenação de curso que não permitia a entrada de ninguém mais na sala que não fosse aluno. E aí entra um estudante com um senhor ao lado, e a coordenadora de curso diz: 'o senhor aguarde lá fora'. Ele saiu, e entrou o chefe de gabinete avisando que aquele era o reitor da UFRGS", lembra Denise.

Portal do Aluno – "A grande revolução foi a matrícula online", destaca Palazzo, assinalando a implantação do Portal do Aluno. A partir desse momento, o estudante pôde se inscrever de qualquer parte do mundo, não sendo mais necessário mobilizar pessoas e materiais no processo.

Outra diferença é que, com o Portal, o aluno faz apenas a solicitação de turmas, mas não efetiva a sua matrícula no

ato. Só depois de encerrado o prazo de inscrições que a matrícula é processada com base em regras de ordenamento.

A principal preocupação dos estudantes, conta Denise, "era de que eles não iriam mais conseguir enxergar a fila, porque, observando-a, tinham a possibilidade de saber quais colegas estavam ali e quais iriam pegar as vagas antes deles. E eu sempre argumentava: 'a fila da internet é a consulta do ordenamento, em que tu enxergas os alunos que estão antes e depois de ti na colocação. Só não tem o olho gordo'". Mesmo assim, após sete anos da implantação, a ideia da fila e o sentimento de competição continuam muito presentes. "A gente tem acompanhado que, logo que o período de encomenda abre, já estão uns mil alunos com o dedo no teclado achando que vão conseguir a vaga porque serão os primeiros a fazer o pedido. Não tem sentido, porque as pessoas têm cerca de três dias para fazer a encomenda", observa Hubert.

Jussara ressalta que as matrículas sempre representaram o reencontro de todos os alunos da Universidade. "As festas já começavam naquela semana", brinca. O interessante é observar o contraste entre os primórdios do processo, que envolvia logística grandiosas, e o sistema atual, extremamente discreto. Se antes a matrícula era encarada como um acontecimento nas dependências da Universidade, hoje ela se limita, com exceção da inscrição dos calouros, ao mundo virtual.

Daiane de David, estudante do 6.º semestre de jornalismo da Fabico

Especial

Tema candente, a liberdade de expressão acirra os ânimos sempre que é posta em xeque ou simplesmente trazida a debate. Em 2011, dois casos tornaram-se notórios. O primeiro deles aconteceu em maio, quando a Marcha da Maconha que se realizaria em São Paulo foi proibida pela Justiça sob o argumento de que seria uma apologia às drogas. Ainda assim, mil pessoas se reuniram na Avenida Paulista para reivindicar liberdade de expressão. O resultado foi um confronto com a Polícia Militar. No mês seguinte, porém, o Supremo Tribunal Federal concedeu o direito de manifestação, e a Marcha finalmente foi liberada. A discussão voltou à baila em agosto último, quando o cantor e compositor porto-alegrense Tonho Crocco publicou em seu site pessoal o “Manifesto contra a censura e pela liberdade de expressão”. Era um protesto do artista contra a representação movida pelo deputado federal Giovani Cherini no Ministério Público em razão de sua música *Gangue da matriz*. Na composição, veiculada em um vídeo caseiro no site Youtube, Crocco fez uma “homenagem aos 36 deputados estaduais do Rio Grande do Sul que votaram o aumento em 73% dos próprios salários”.

Para conversar sobre a livre manifestação do pensamento, o JU reuniu um grupo de cinco professores da Universidade na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da UFRGS. Participaram do debate Carlos Alberto Steil – professor do Programa de Pós-graduação (PPG) em Antropologia,

“Os novos meios de comunicação e informação têm possibilitado alguns tipos de manifestação e expressão que antes eram impensáveis”

Marcelo Kunrath Silva, Sociologia

que pesquisa temas ligados à religião, à cultura oral e aos movimentos sociais –, Celi Regina Jardim Pinto – do PPG em História, que investiga a política brasileira, a teoria da democracia, a participação política e o feminismo –, Eduardo Kroeff Machado Carrion – colaborador do PPG em Direito que estuda manifestações populares, poder e direito constitucional –, Marcelo Kunrath Silva – do PPG em Sociologia, que estuda temas como democracia, cidadania, participação social e movimentos sociais – e Rodrigo Stumpf Gonzalez – do PPG em Ciência Política, que pesquisa democracia, participação, políticas públicas e direitos humanos. Entre os assuntos abordados na conversa: a liberdade de expressão e sua relação com a igualdade; os limites, as regulações e responsabilizações necessárias; as interferências da cultura; e o quanto o tema tem sido pauta de movimentos sociais e de debates públicos.

Rodrigo – Não há uma posição consensual das áreas de conhecimento, pois esse tema é polêmico. Posso defender determinada visão sobre a liberdade e seus limites, e pode haver outro colega da mesma área que pense exatamente o oposto.

Celi – A questão tem de começar pela filosofia política. Os grandes filósofos da política da Grécia já pensavam a liberdade como algo que acontece entre iguais. O mesmo diz a Hannah Arendt, uma das maiores filósofas da política na contemporaneidade. Mas nós vivemos num mundo de muita desigualdade.

Marcelo – É preciso diferenciar dois debates nessa discussão. O primeiro é filosófico, ético, sobre os limites do que pode ser objeto de expressão pública, do que deve ser garantido. Por exemplo, grupos neonazistas devem ter o seu direito de expressão assegurado ou não? O outro é o da liberdade de expressão como objeto da luta. São movimentos sociais, políticos ou culturais que lutam pela sua liberdade ao mesmo tempo que problematizam a expressão de outros grupos.

Rodrigo – Não há como separar a discussão sobre a liberdade da discussão sobre o regime político: se existe liberdade, qual é o limite? Quem o coloca? E isso remete a quem toma as decisões? Se as decisões são tomadas coletivamente, se serão delegadas a um líder carismático que sabe o que é bom para o povo...

Celi – Se há muito poder e muita desigualdade nas relações de poder, a possibilidade de haver mais liberdade tanto de expressão quanto de manifestação é menor. Quando há mais igualdade em termos políticos e de poder, a possibilidade de se ter liberdade de expressão é maior.

Carlos – Quero enfatizar o papel da cultura nisso: não uma questão ligada somente à regulamentação por parte do Estado. Mas o foco é trazer o ponto de vista daqueles que limitam culturalmente a liberdade. É uma regulamentação a partir da convivência humana, dentro de uma sociedade plural. Hoje a questão da liberdade de expressão se coloca de uma forma muito candente se você pensar nos fundamentalismos. Estes são uma contradição, na medida em que se impõem dentro de uma lógica democrática para fazer vigorar a sua autoridade.

Eduardo – É verdade que nenhuma liberdade, inclusive a de expressão, é absoluta; há limites. Até que ponto uma manifestação oral ou escrita configura ou não um crime? O crime de racismo, por exemplo, se configura de diversas formas, até eventualmente numa manifestação oral ou escrita. Pode caracterizar-se como crime e implicar uma responsabilização. Mas hoje a nossa reflexão no plano constitucional vai muito além: trabalhamos os limites dos limites. Isso porque muitas vezes, em nome da limitação de um direito primário, atinge-se a essência desse direito.

Rodrigo – Essa não é uma questão estática. Por exemplo: no Brasil, no século XIX, o racismo era algo tolerado e legalizado. O grande problema é encontrar um meio termo, aceitável em relação ao que pode ser controlado e ao que não pode. Da mesma forma, quando há certo consenso hoje de que grupos neonazistas ou fundamentalistas que defendem a violência deveriam ter limitações, esse mesmo argumento foi utilizado no Brasil durante muitos anos para impedir o funcionamento de partidos comunistas. O problema é justamente saber em que situações se pode limitar a liberdade de expressão em prol de determinada sociedade, e em que situações isso é um argumento utilizado para impedir as transformações sociais.

Celi – Há um grande consenso na sociedade ocidental sobre o princípio de que devemos viver numa democracia, mas ela está muito longe de se realizar de uma forma mais completa. Até que ponto uma democracia pode aceitar ideologias e discursos que a neguem? Pode aceitar um discurso político ou religioso que negue o discurso do outro?

Marcelo – As reportagens que se leem na *Veja* sobre o Movimento dos Sem Terra, por exemplo, trazem o argumento de que esse tipo de manifestação não pode existir numa sociedade democrática por ter propostas e meios de ação antidemocráticos. Ao mesmo tempo, o próprio MST critica os meios de comunicação por terem uma posição autoritária e que bloqueia os outros discursos. O Brasil é muito assimétrico em termos de possibilidade de expressão.

Eduardo – O processo civilizatório

Os limites da liberdade de expressão

Fórum JU reúne cinco professores da UFRGS para debaterem a livre manifestação do pensamento e suas implicações

TEXTO **EVERTON CARDOSO** FOTOS **FLÁVIO DUTRA**



Marcelo Kunrath Silva



Carlos Alberto Steil

consiste em uma ampliação da liberdade, e a democracia se define mais pelo respeito ao direito das minorias do que pela afirmação do direito das majorias. As liberdades têm um papel claramente contramajoritário e devem ser, em princípio, preservadas – não que sejam absolutas. Então, há a possibilidade de responsabilização pelo que se diz. Mas não podemos, em nome disso, articular a censura prévia: até que ponto uma manifestação política, religiosa deve ser impedida em nome da opinião majoritária? A lei, e sobretudo a norma constitucional, tem trabalhado genericamente; ela não elucida todos os casos concretos. Daí a importância da ação do STF, que deve acompanhar o sentimento da sociedade, o sentimento que aponta para o futuro, e assumir eventualmente um papel contramajoritário, como fez em algumas das últimas decisões.

Carlos – Esta sociedade precisa aguentar viver com a diferença. Precisa-se entender que o ponto de vista do outro, mesmo que diferente, pode somar dentro de um processo de construção da nossa compreensão cultural das coisas.

Rodrigo – Não podemos partir do princípio de que sempre se deve permitir o dano para depois repará-lo. Inclusive porque o tipo de reparação que se faz é simplesmente econômico, e isso é insu-

ficiente. A difamação é como um saco de penas jogadas ao vento: é impossível recolhê-las todas. Então, se a polícia tem obrigação de proteger o indivíduo antes que ele sofra um ataque que afete a sua integridade física, e não simplesmente punir o atacante depois, por que é que, sabendo-se que a integridade moral do indivíduo será destruída, não se pode atuar preventivamente e impedir que ocorra o dano? Para isso existe legislação e, num sistema democrático, devem existir procedimentos.

Eduardo – Na ordem jurídica, criar um delito é uma forma de agir preventivamente, porque se contém a ação das pessoas. Tratando-se de liberdade de expressão, a questão é outra: como agir preventivamente? Há o risco da censura prévia; é difícil agir de outra forma. Mas a ação repressiva já é educativa. Se responsabilizamos posteriormente, isso já configura uma forma de conter os abusos.

Celi – Se considerarmos os direitos dos homossexuais, realmente está havendo uma modificação bastante grande no Brasil e no mundo. Mas essas mudanças não estariam ocorrendo apenas no sentido de fazer com que os homossexuais se incorporem à instituição família? E essa mesma tolerância existe quando um homossexual resolve

não constituir uma família ou quando decide se manifestar na rua? Então, eu não sei até onde toda essa boa vontade é realmente uma nova posição libertária ou é uma tentativa de normatizá-los. Estamos num momento da história contemporânea em que todo mundo parece muito simpático a essa posição dos governos em relação aos casais homoafetivos. Mas, por outro lado, é

“O ponto de vista do outro, mesmo que diferente, pode somar dentro de um processo da construção da nossa compreensão cultural das coisas”

Carlos Alberto Steil, Antropologia

A regulação jurídica, quando corresponder a um projeto de sociedade, pode ser um instrumento de controle dos interesses econômicos

preciso ver o que está havendo, pois, inclusive em relação à homossexualidade, estamos em um momento de retração dos direitos. Quando se fala em aborto, por exemplo, isso causa um mal-estar. Não é preciso dizer nada, só usar a palavra. Então, estamos num momento em que está complicada essa questão dos direitos.

Eduardo – Outro exemplo disso é o direito de greve, consagrado pela ordem jurídica no início do século XX. Em certo sentido, a transformação desse fenômeno social em direito foi uma forma de subordiná-lo à legalidade burguesa e enfraquecê-lo. À medida que legalizamos um direito conquistado na luta social, há um risco de discipliná-lo e de subordiná-lo.

Marcelo – Os novos meios de comunicação, principalmente a internet, têm possibilitado alguns tipos de manifestação e expressão que antes eram impensáveis. Houve, em maio passado, aquele caso do “churrasco da gente diferenciada” – que foi um protesto convocado pela internet por causa de manifestações dos moradores de Higienópolis, bairro paulistano de classe alta, como reação à instalação de uma estação de metrô no local. Há alguns anos, era impensado

nifestar a favor da legalização das drogas é ilegal. No entanto, não há outra forma de a sociedade ter meios de ação legítimos a não ser o debate público.

Carlos – Nas eleições presidenciais do ano passado, nessa discussão sobre o aborto, os dois candidatos majoritários que foram para o segundo turno eram favoráveis, mas não podiam dizê-lo. Era um tabu, não havia proibição.

Celi – Ou era uma proibição da bancada evangélica, com um grande poder de voto?

Rodrigo – O problema não são as religiões. O problema é que nós ainda vivemos numa sociedade extremamente conservadora. Se fosse permitido, se criaria a pena de morte e se tiraria todo o direito de defesa dos indivíduos acusados de determinados crimes.

Celi – Mas isso está muito focado em programas de opinião de telespectador. Tem de haver discussão sobre esses temas, porque eles não são discutidos. Eles aparecem nas eleições como uma luta de Deus contra o Diabo.

Carlos – A campanha eleitoral é o tempo de se estabelecerem novos conceitos. Até a próxima eleição, você mais ou menos coloca essas coisas como consenso. Na seguinte, a sociedade vai

“Até que ponto uma manifestação política, religiosa deve ser impedida em nome da opinião majoritária?”

Eduardo Kroeff Machado Carrion, Direito

Rodrigo – Nós avançamos pouco na discussão do processo de responsabilidade sobre o que se expressa. As pessoas tendem a ver o direito à liberdade de expressão como um jeito de se expressar sem ter responsabilidade pelos próprios atos. Exemplo disso é o debate sobre a música *Gangue da matriz*, em que o Tonho Crocco critica os deputados estaduais do Rio Grande do Sul pelo aumento que concederam a si mesmos no ano passado. Ele tinha o direito de fazer a música, mas o deputado tinha também o direito de processá-lo, de pedir indenização, porque sua imagem

corresponder a um projeto de sociedade, pode ser um instrumento de controle dos interesses econômicos.

Celi – A proibição de que uma mesma empresa tenha jornais, televisão, internet e canal a cabo é um exemplo disso. O grande problema é que, quando se tem o monopólio, essa discussão aparece completamente velada nos meios de comunicação. Como é que a gente rompe com isso se o principal meio de informação que o povo tem é a grande mídia?

Rodrigo – A sombra de nosso recente passado autoritário é utilizada muitas vezes como argumento para evitar mudanças. Por exemplo, as atuais empresas conservam o arraçoado de que sejam concessões. Para quê? Para impedir o aumento da concorrência. Mas quando se diz que são concessões, e que elas têm de ter regras para serem renovadas, protestam. Ou seja, a concessão tem de ser eterna, mas isso serve para impedir que outros entrem no negócio. Dessa maneira, o grupo de periferia que cria a sua própria estação é rádio pirata, tem de ser perseguido, fechado, preso. Mas a rádio do empresário é uma concessão pública e, se for regulada, dizem que é censura.

Eduardo – Isso remete à necessidade

indígenas do Brasil. Nelas, em hipóteses de ter filhos gêmeos, filhos de mãe solteira, filhos com doenças incuráveis ou desconhecidas, eles são mortos. Há um projeto de lei no Congresso Nacional que prevê a responsabilização simbólica do agente público que não tomar medidas para evitar essa prática. Não é propriamente intervir na comunidade, mas dar guarida às mães que queiram fazer com que a criança sobreviva. Qual o limite de conviver com o direito à diferença? É um problema.

Celi – Tem uma cientista política americana que diz que a cultura tem de ser defendida na medida em que ela possa melhorar a situação do grupo. Não se pode impor uma cultura ao grupo que acabe com a cultura do outro, mas não se pode deixar que se reproduzam relações absolutamente desiguais. Manter a cultura é diferente de manter relações de poder, de dominação sobre outra cultura.

Rodrigo – Depende de em que condições nós vamos permitir a intervenção e até que ponto isso influencia na vida do outro. Numa democracia, quem controla é o agente do Estado. Quem dá limite a esse agente de definir qual é a situação correta para intervir?



Celi Regina Jardim Pinto

acessar pessoas e conectar grupos de uma forma tão rápida. A dificuldade de controle e o baixo custo são fatores que facilitam, mas ainda não temos uma noção clara de que repercussões isso vai ter.

Carlos – Do ponto de vista da Antropologia, há a possibilidade de os grupos locais estreitarem laços; a internet é muito mais democrática. Por exemplo, esses movimentos nas redes sociais conseguem mostrar que o poder da grande mídia não é tão forte assim. Todos dizem que o poder está em um lugar – a mídia – e talvez esteja em outro lugar. Há muitos grupos que antes definíamos como locais, isolados, e que hoje estão na internet, nas redes sociais.

Rodrigo – Há um debate sobre a regulamentação da propaganda destinada a crianças. Um dos argumentos das agências de publicidade é que faz parte da liberdade de expressão, mas vários países têm restrições à publicidade do álcool e de produtos destinados ao consumo infantil. É o caso de Inglaterra, Alemanha, Espanha, Estados Unidos, e lá ninguém diz que se tornaram ditaduras.

Celi – No Brasil, acha-se que qualquer tipo de controle é censura, porque nós somos traumatizados por ela. Hoje, nessa questão de controle, todos os temas que podem alargar as liberdades são ilegais. Por exemplo, alguém se ma-



Eduardo Kroeff Machado Carrion

“Quando há mais igualdade em termos políticos e de poder, a possibilidade de se ter liberdade de expressão é maior”

Celi Regina Jardim Pinto, História

debater isso de novo.

Eduardo – Em geral, partimos de uma liberdade que é afirmada de forma quase absoluta, mas nem sempre nós temos um parâmetro legal suficiente para regulá-la. Temos de criar os limites possíveis a essa liberdade. Como construí-los? E como também criar os limites aos limites? O Direito é, sobretudo, bom senso, e trabalha com realidades humanas e sociais.

Marcelo – Tendemos a pensar muito as regulações em termos de enquadramentos nacionais, mas os conteúdos transitam por sobre as fronteiras. Como esses fluxos de informação são regulamentados?

foi agredida. E não é censura o músico condenado pagar a indenização.

Carlos – A liberdade de expressão também está relacionada ao acesso aos meios, à internet, a esses fluxos internacionais. Quem não tem acesso a isso, por questões de educação, de condições de vida, está fora. É preciso dar possibilidade a que todos os segmentos da sociedade tenham direito a ter direito.

Eduardo – Vivemos um momento sensível da tentativa de alguns governos autoritários de controlar as mídias sociais. Daí a importância de afirmar a liberdade de expressão desses meios. Mas não podemos ter a ingenuidade de que as mídias sociais só possibilitam uma relação horizontal, sem controle. Isso porque provavelmente haverá um investimento dos grandes conglomerados, do poder econômico. O Google, por exemplo, tem parâmetros de ordenação das informações, e neles há interesses comerciais e mesmo ideológicos e políticos. A regulação jurídica pode parecer, à primeira vista, uma burocratização da utilização do meio, da liberdade, mas é uma forma talvez de assegurar exatamente a liberdade e evitar o controle por parte dos grandes grupos econômicos. Não estou dizendo que se vá chegar necessariamente por meio da regulação jurídica a essa situação de plena liberdade. Mas a regulação jurídica, quando

de uma regulação, no plano internacional, de direitos humanos e universais. Geralmente, nos fóruns internacionais, representantes das culturas asiática, islâmica e africana argumentam que os chamados ‘direitos humanos universais’ são uma pauta ocidental, uma imposição da sua universalidade. Na realidade, há distintas percepções da ideia de universalidade e de direitos humanos. Aí surge o risco de se cair no relativismo sem propósitos. Mas é possível criar uma pauta universal de direitos? Acredito que sim. Há um processo civilizatório. Não dá para se impor a pauta de universalidade ocidental. Tem-se que apostar numa ideia de universalidade de direitos que seja plural, respeitando a sensibilidade de outras culturas, ainda que esse seja um processo difícil.

Rodrigo – Se pensarmos sobre a criação de uma regulação internacional, isso provavelmente nos remeterá à assembleia da ONU. A consequência seria que os mesmos que mandam no mundo hoje mandariam também na comunicação.

Eduardo – Essa questão leva à discussão da ingerência humanitária no caso de crimes de genocídio, crimes de guerra, crimes que atentam contra a humanidade, em que se cogita a possibilidade da intervenção da comunidade internacional. Um exemplo são as cerca de vinte dentre as duzentas comunidades



Rodrigo Stumpf Gonzalez

Eduardo – É o chamado princípio do direito mais favorável. A democracia é tão nervosa, tão aberta, que enfrenta impasses, dificuldades e conflitos. Ela não é uma visão autoritária e facilmente solucionável. Partimos muitas vezes de polos opostos, e estamos chegando a essa conclusão com certa unanimidade. Essa é a grande virtude da democracia: a abertura para o diálogo, a sensibilidade para a diferença e a possibilidade para uma construção de soluções.

“As pessoas tendem a ver o direito à liberdade de expressão como um jeito de se expressar sem ter responsabilidade pelos seus atos”

Rodrigo Stumpf Gonzalez, Ciência Política

Direção incerta

Economia

Crise mundial atinge o setor público e ajustes terão efeitos a longo prazo

Até a crise de 1929, instituições de caráter liberal predominavam nas maiores economias do planeta. Os setores privados tinham amplo poder para tomar decisões. No entanto, após a quebra da bolsa de Nova York e o aumento da taxa de desemprego para cerca de 30% nos Estados Unidos, o presidente Franklin Roosevelt lançou o New Deal. Entre outras medidas, o programa facilitaria o controle do estado sobre a economia. A partir dos anos 70, os ideais neoliberais foram propagados pelo mundo e a situação foi revertida. O entendimento de que a sociedade deveria ser organizada em mercados desregulamentados ganhou força.

Em 2008, a crise do *subprime* – créditos de risco – e a falência do banco de investimentos norte-americano Lehman Brothers escancararam a crise financeira. O governo correu para salvar o setor privado. No final daquele ano, o senado norte-americano aprovou um pacote de 850 bilhões de dólares para realizar o resgate financeiro. O tesouro estadunidense também assumiu o controle das gigantes do setor hipotecário Fannie Mae e Freddie Mac. No total, para escapar da recessão, o Banco Central Norte-americano injetou 3 trilhões de dólares – o equivalente a quase duas vezes o PIB brasileiro – na compra de títulos de bancos e empresas em dificuldades.

Três anos depois, o rebaixamento da nota da dívida soberana dos Estados Unidos – que mede, pela agência de classificação Standard & Poor's (S&P), a capacidade do país de honrar compromissos financeiros – e a sequência de quedas acentuadas nas principais bolsas do mercado financeiro trouxeram novamente à tona a preocupação com os rumos da economia mundial. Segundo especialistas, por trás desse quadro estão a retomada da economia desregulamentada, o aumento do desemprego e a concentração de renda. A dívida passou para os estados, e os ajustes por meio de cortes de gastos devem trazer efeitos sobre o padrão de serviços públicos em diversos países.

Explicações – Para o professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS André Moreira Cunha, o momento atual reflete a essência do que foi o período de globalização com desregulamentação financeira. “A crise está associada à expansão muito grande da liquidez e à redução da capacidade regulatória do estado nas economias maduras – Estados Unidos em particular. Já nos anos 1990 e 2000, aconteceu um forte aumento do endividamento do setor privado. As pessoas estavam consumindo, mas não porque seus salários estivessem crescendo em termos reais. Inclusive, a participação do salário na renda americana caiu”, explica.

O professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia Antonio David Cattani concorda, mas enfatiza a necessidade de fazer uma análise mais humana da crise. “A situação atual é resultado de interesses específicos de pessoas que conseguiram implemen-

tar, ao longo dos últimos 30 anos, um processo econômico que beneficia determinados segmentos da sociedade”, diz. Segundo o docente, pelo menos duas razões explicam a situação econômica mundial: “A capacidade que essas pessoas tiveram de reduzir o controle do estado sobre a economia e o enfraquecimento de forças sociais, tais como os sindicatos, que poderiam dar um basta nesse processo”.

O saneamento do setor financeiro com dinheiro público, após a recessão de 2008, transferiu a conta para os governos. “As dívidas que estavam nos bancos privados passaram para dentro dos estados, gerando problemas de natureza fiscal”, diz André. Conforme o professor de economia, o modo como o resgate foi feito fortaleceu os bancos, que conseguiram evitar reformas mais profundas. “Os bancos se recuperaram, pegaram o dinheiro barato, saíram investindo no mundo e mantiveram seu poder econômico”, afirma.

Cattani faz críticas à política de socialização das perdas e à continuidade dos procedimentos especulativos. “Em vez de assumir as perdas, houve uma transferência de recursos públicos para salvar esses indivíduos. Em 2009, recomeçou a mesma ciranda de um processo especulativo exagerado”, diz.

EUA e Europa – Apesar do rebaixamento da nota dos Estados Unidos pela S&P, em agosto, os títulos do governo norte-americano continuam sendo um dos mais confiáveis do mundo. Para Cunha, “não há nenhuma indicação razoável de que os Estados Unidos não vão conseguir pagar. Eles têm um problema fiscal, mas é equacionável nos prazos médio e longo”.

Por outro lado, o censo dos Estados Unidos mostra que, em 2010, o país chegou a 46,2 milhões de pessoas vivendo em nível de pobreza – 15,1% da população.

Segundo o docente, os constantes conflitos políticos envolvendo republicanos e democratas prejudicam a busca de soluções. “Nesse momento, republicanos e democratas não são capazes de abandonar as divergências e resolver os problemas. Os republicanos não querem que os ricos sejam tributados e não pretendem dar fôlego para Obama tomar atitudes reestruturantes”, diz. Contudo, lembra André que “foram os governos republicanos que retiraram impostos dos ricos, aumentaram gastos militares e forneceram subsídios aos setores de petróleo e agricultura. Isso deteriorou a situação fiscal”.

Na Europa, a crise da dívida pública atingiu a Grécia em 2010. O resgate aconteceu por meio de um pacote de 110 bilhões de euros, pagos parceladamente pelo FMI e pela União Europeia. Em contrapartida, o governo grego adotou medidas de austeridade que incluíam congelamento dos salários do setor público, aumento de impostos e do preço da gasolina. A população reagiu com protestos que tomaram as ruas de Atenas. De acordo com o professor André, ao contrário dos EUA, “as dívidas na Grécia, na Irlanda, na Itália, na Espanha e em Portugal não serão pagas. Vai ter que haver uma reestruturação de dívidas”.

Buscando equilíbrio nas contas e tentando evitar uma nova onda de crises das dívidas públicas, os governos da França e da Alemanha anunciaram propostas para a criação de um “verdadeiro governo econômico”. Entre as ideias apresentadas à União Europeia



Placa em um dos prédios do World Financial Center, em Nova York, indicando a localização de empresas

em setembro estão a criação de um imposto comum sobre transações financeiras e a estruturação de um conselho, que se reunirá duas vezes ao ano para discutir as políticas econômicas da região. Na segunda semana de setembro, os Bancos Centrais dos Estados Unidos, da zona do euro, do Japão, do Reino Unido e da Suíça decidiram fornecer empréstimos ilimitados aos bancos europeus nos próximos três meses.

Dados divulgados pelo Escritório Nacional de Estatísticas (ONS) do Reino Unido mostram que o índice de desemprego chegou a 7,9% – alta de dois décimos em comparação ao período de março a maio. A taxa de desemprego entre jovens com idade entre 16 e 24 anos alcançou 20%. “Na Inglaterra, todos os programas sociais sofreram drásticas reduções. Os jovens não têm perspectivas de bons empregos, estão sem formação e sem alternativas”, diz

Cattani. O professor André alerta de que “todos os países vão fazer cortes de gastos em várias áreas. Isso, a médio e longo prazos, deteriora o transporte público, a educação e a saúde”.

Perspectivas e alternativas – No Brasil, preocupado com a possibilidade de uma nova recessão internacional, o ministro da Fazenda Guido Mantega anunciou aumento de 10 bilhões na meta do superávit primário – economia que o país faz para pagar os juros da dívida pública – para este ano. Com a medida, o governo pretende estar mais preparado para uma nova recessão, estabelecendo cenário favorável para a redução de juros pelo Banco Central.

De acordo com André Moreira Cunha, “a crise vai acelerar o processo de ascensão do mundo emergente. Estamos assistindo à transição para um mundo diferente. Haverá um peso maior na ordem político-econômica

mundial desse mundo em ascensão”. Nesse novo cenário, o professor acredita que “é preciso pensar em uma complementaridade entre o setor privado e o setor público, evitar excesso de endividamento, ser eficiente, não descuidar da questão social, redistribuir renda, fortalecer a indústria e abandonar a retórica ultraliberal sem cair na ilusão de que o Estado vai resolver tudo”.

Cattani defende mudanças profundas na atual ordem econômica. “Consumir dentro do padrão atual é um desastre. Temos que pensar em outra forma de produzir. Se não fizermos nada, teremos um colapso ambiental e urbano. Precisamos de uma economia em outra escala, que pense em sustentabilidade a médio e longo prazos”, afirma.

Luiz Eduardo Kochhann, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabico

Saque sobre o futuro

Editor do livro *The Human Economy* (sem versão no Brasil), lançado recentemente na Inglaterra em parceria com os professores Keith Hart, da Universidade de Londres, e Jean-Louis Laville, do Conservatoire National de Arts et Métiers, na França, o professor Antônio David Cattani é categórico ao resumir as transformações econômicas atuais. “Está acontecendo o que eu chamo de saque sobre o futuro. Os países norte-ocidentais estão vivendo para além da sua capacidade de produção de recursos. A dívida é exagerada. O

setor financeiro mantém esse padrão de vida, mas vai cobrar pesadamente mais adiante.” Segundo ele, “o sistema financeiro permite que poucas pessoas se apropriem da riqueza social. O capitalismo está entrando em uma dinâmica em que a riqueza circula em termos internacionais, mas de forma concentrada”.

O professor defende reformas tributárias e o aumento dos impostos sobre os altos rendimentos. “O que se observa em escala planetária é algo absolutamente criminoso. São imensas fortunas que vão sobreviver à crise sem

contribuir. No caso brasileiro, temos uma aberração tributária que precisa ser modificada. Mas tudo aponta para a manutenção dos privilégios das altas fortunas”, diz. De acordo com Cattani, caso não sejam tomadas medidas que impeçam o aumento da concentração de renda e do desemprego, “a perspectiva é de uma regressão social violenta”. No livro, estão propostas iniciativas como a economia solidária, o desenvolvimento sustentável, a promoção do desenvolvimento regional, a produção local e as energias alternativas.



UFRGS domina mercado de aveia no Brasil

No campo de cultivo da Estação Experimental Agronômica da Universidade, situada no município de Eldorado do Sul, funcionário dedica-se a fazer o trabalho de cruzamento de variedades

Agricultura Programa de Melhoramento Genético da UFRGS detém 97% do mercado de variedades de sementes de aveia cultivadas no país

Jacira Cabral da Silveira

Esse índice foi alcançado ao longo dos últimos cinco anos, como resultado das pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Melhoramento Genético de Aveia do Departamento de Plantas de Lavoura da Faculdade de Agronomia, sob a orientação dos professores Luiz Carlos Federizzi e Marcelo Teixeira Pacheco. Atualmente, temos no mercado seis variedades (UFRGS 21, URS Guapa, URS Tarimba, URS Taura, URS Guria, URS Charrua) e em 2011 estão sendo inscritas mais quatro (URS Corona, URS Torenna, URS Estampa e URS Guará).

No Brasil, o cultivo de aveia cresceu continuamente durante os últimos 30 anos, classificando-se em 2005 como a sétima cultura em área e em produção de grãos, com 356 mil hectares, obtendo-se uma produção de 547 mil toneladas, o que corresponde a um rendimento de 1.448 kg por hectare. Com isso, passamos a ser o primeiro

produtor de aveia na América Latina, superando a Argentina e colocando o Brasil como 12.º maior produtor mundial desse cereal.

“Quando começamos a trabalhar com o melhoramento das sementes de aveia, o Brasil produzia 10 mil hectares, hoje o cultivo nacional é de 150 mil hectares”, ilustra Federizzi. Ainda que o consumo brasileiro seja de apenas 300 gramas por habitante/ano, enquanto nos Estados Unidos esse total é de 2,10 kg por habitante/ano, tem crescido o número de empresas produtoras de aveia no país. Mas a maior demanda do grão ainda é para o uso na alimentação de cavalos de corrida, apesar das amplas possibilidades de utilização como insumo na fabricação de rações, pois a época de colheita da aveia coincide com o período de maior escassez de milho (outubro, novembro e dezembro).

Segundo Federizzi, quando o programa da Agronomia começou suas pesquisas no setor, havia somente três empresas de comercialização de aveia, uma de grande e duas de pequeno porte. “Hoje existem cerca de seis grandes e mais de 20 empresas pequenas”, ressalta. Das empresas que compram aveia de produtores que utilizam as cultivares desenvolvidas pela Universidade, Federizzi destaca a Quaker do Brasil, do grupo PepsiCo, a Naturale de Lagoa Vermelha, a Cooperativa Agropecuária & Industrial (Cotrijui) e a empresa SL Alimentos de Mauá da Serra/PR. “90% dos produtores de aveia no Brasil encontram-se no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná.”

Até a década de 80, o Brasil não produzia esse cereal, mas graças especialmente às pesquisas desenvolvidas no programa da UFRGS hoje o país é autossuficiente em grãos de aveia para

consumo interno. Anteriormente, éramos grandes compradores da Argentina e do Uruguai, e atualmente as cultivares da Universidade estão sendo testadas nesses países, e também nos Estados Unidos. Em novembro deste ano, as sementes começarão a ser testadas na Índia, pois a característica muito específica do clima indiano requer uma variedade que floresça mais cedo, e o material mais precoce que existe no mercado internacional é o desenvolvido na UFRGS.

Federizzi ressalta, entretanto, que o cultivo de aveia no Brasil sempre esteve associado às universidades. Além do Programa de Melhoramento da UFRGS também trabalham com a aveia as universidades de Passo Fundo e de Pelotas e os institutos agronômicos do Paraná (IAPAR) e de Campinas (IAC).

Estação Experimental – O programa teve início em 1974, quando o professor Fernando Irajá Félix de Carvalho recebeu as primeiras populações F2 e F3 de aveia do professor Hazel Lee Shands, da Wisconsin University (EUA), que iniciava um programa de intercâmbio de germoplasma chamado Breeding Oats Cultivars Suitable for Production in Developing Countries, financiado inicialmente pela Agência de Desenvolvimento Internacional (AID). Esse programa ainda existe sob o nome Quaker International Oat Nursery (QION), iniciado em 1977 e financiado pela empresa Quaker.

Mas foi só após 1986 que se iniciaram os cruzamentos realizados no programa. Nos primeiros anos, realizavam-se cerca de 30 a 60 cruzamentos anuais; a partir de 1999, esses números aumentaram significativamente, passando de 100 a 150 cruzamentos anuais. Somente

após 1995, com a aposentadoria de Carvalho, o programa de melhoramento foi exclusivamente dedicado à cultura da aveia. A primeira variedade de aveia protegida desenvolvida na Universidade foi a URS Guapa, em 2004.

O programa de melhoramento ocupa de 10 a 12 hectares da Estação Experimental Agronômica da Universidade, em Eldorado do Sul, a 44 km de Porto Alegre. Ao longo dos anos, o programa tem investido também em equipamentos de ponta, tornando os resultados das pesquisas muito mais eficientes. Grande parte dessa infraestrutura, que compreende tratores, uma colheitadeira e duas câmaras de sementes, foi adquirida com verbas de projetos junto a órgãos financiadores, como Finep, CNPq e empresas.

Semanalmente, a pequena equipe formada de pesquisadores, dois professores e de dois a quatro estudantes de pós-graduação reúne-se no laboratório ou na área de cultivo na Estação Experimental. Apesar do grupo pequeno, Federizzi ressalta que a UFRGS mantém um dos poucos programas entre as demais universidades brasileiras em que se faz tudo: “Desde planejar os cruzamentos, até o lançamento da variedade no mercado e a parte de divulgação e marketing. Por isso, nossos alunos já estão empregados antes mesmo de concluírem o mestrado ou o doutorado”. De acordo com o professor, anualmente são colocados dois egressos do Programa de Melhoramentos no mercado: “Ao todo já formamos 40 profissionais”, afirma, mas lamenta não serem mais, em função da demanda em expansão.

Como fábrica – Todos os anos o programa testa de 300 a 400 linhagens.

Dessas, são selecionadas as 10 melhores, que vão para o ensaio de rede, sendo testadas em vários locais, como nos municípios de Pelotas, Passo Fundo, Ijuí e Vacaria, no Rio Grande do Sul, e em vários municípios do Paraná. Se o material for realmente bom, depois de analisado por três anos, é porque se chegou a uma nova variedade.

Depois de colocada no campo, essa variedade permanece produtiva durante cerca de 10 anos, pois os fungos e as bactérias vão se adaptando a elas que, por sua vez, vão ficando mais suscetíveis à ação de seus agressores naturais. Considerando essa dinâmica, é ideia do programa fazer um esquema em que uma variedade tenha bom rendimento durante uns sete anos no campo, dando lugar às novas.

Em 2010, por exemplo, a variedade Guapa detinha 70% do mercado, enquanto as variedades Taura e da Tarimba respondiam por 3% do mercado cada uma. Este ano, elas já correspondem individualmente a 20% do mercado, e começam a ser lançadas mais quatro variedades: “É tipo uma fábrica”, brinca Federizzi, que diz ter aprendido “o negócio” há cinco anos: “Logo que percebemos que um material tem potencial e pode resultar numa variedade de semente, já começo a comentar com os produtores”. E aí o processo reinicia.

Aveia na dieta diária

O cereal é rico em cálcio, ferro, proteínas, vitaminas (especialmente do grupo B e E), carboidratos e fibras. A sua inclusão na dieta diária é importante para um bom funcionamento intestinal, para a diminuição na absorção de colesterol total e LDL-colesterol, e para a sua manutenção em níveis adequados.

Segundo especialistas, são benefícios da aveia:

- reforça o sistema imunológico e combate infecções
- melhora o funcionamento do intestino
- controla a quantidade de açúcar no sangue
- diminui o colesterol ruim
- controla a pressão arterial
- acalma os nervos e melhora a concentração e o esgotamento mental
- ajuda a acalmar e suavizar a pele em casos de eczemas, dermatites atópicas e urticária
- ajuda a facilitar a digestão

Fonte: <http://belezaesauade.dae.com.br/beneficios-aveia/>

Do laboratório à lavoura

De acordo com a legislação brasileira de proteção de cultivares, instituída em abril de 1997, define-se por cultivar a variedade de qualquer gênero ou espécie vegetal superior que seja claramente distinguível de outros cultivares conhecidos. O processo de desenvolvimento de um cultivar como a da aveia, foco das pesquisas do Programa de Melhoramento Genético de Aveia do Departamento de Plantas de Lavoura da Faculdade de Agronomia da UFRGS, compreende um período de 10 a 12 anos, dividido em etapas que têm início no laboratório até chegar à indústria para a produção da aveia.

Primeiramente, os pesquisadores trabalham no cruzamento de variedades nacionais e estrangeiras, provenientes

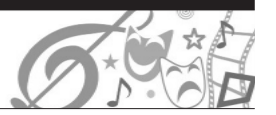
de programas de cooperação, especialmente com os Estados Unidos, que são grandes consumidores do grão. Com auxílio de uma pinça, o material genético masculino da flor é retirado e substituído pelo de outra variedade. O sucesso do procedimento dependerá do germoplasma, que é a soma de vários genótipos e fonte de variabilidade necessária para incrementar as mudanças e o melhoramento genético.

Depois do cruzamento, as sementes são plantadas, e tem início a etapa mais longa do processo, que leva de 5 a 6 anos para que os genes das variedades utilizadas no cruzamento possam se estabilizar. Durante esse período, os pesquisadores selecionam as melhores plantas no campo; considerando aspectos

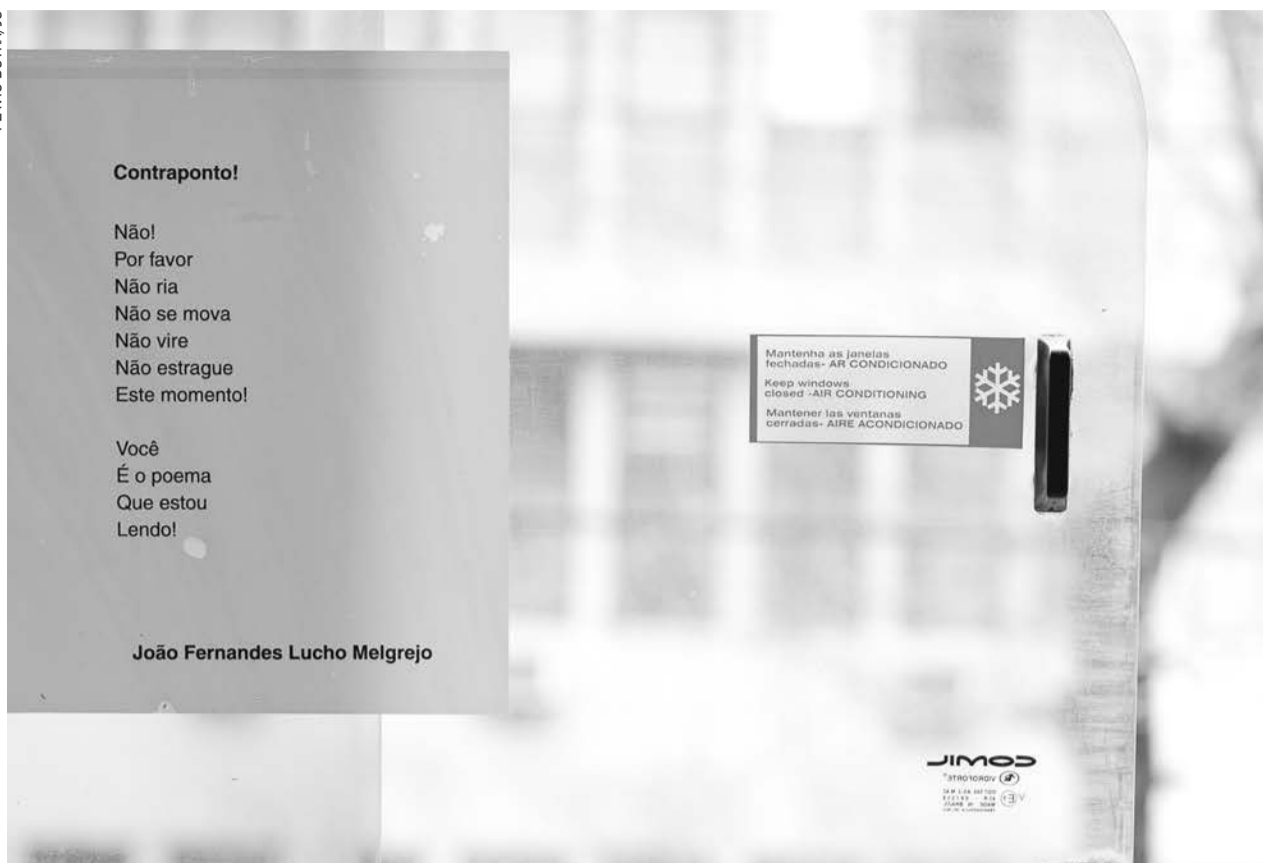
como tamanho do grão, altura da planta, ciclo, precocidade, tamanho da panícula (cachos), se a folha é ereta ou não. No total, são mais de 20 características que devem ser observadas ao longo das 6 ou 7 gerações. Cada geração dará início ao plantio de novos canteiros, até que chegue a hora da próxima seleção, e assim consecutivamente.

Quando se atinge a variedade final, é colhida toda a plantação, e começam os ensaios de rendimento do grão, ou seja, a comparação da nova variedade com a de três outras que já estão no mercado (todas desenvolvidas na UFRGS). A próxima etapa é o teste em diferentes ambientes (locais) e mesmo em outros estados, como Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.

Depois dessa série de testes, quando os pesquisadores concluem que chegaram a uma ótima variedade, intensifica-se a produção de sementes até um volume de 10 a 11 sacas. Estas serão repassadas a um ou mais produtores licenciados para a produção em maior escala, a ser, por sua vez, comercializada a outros produtores de sementes. Sobre essas vendas, a Universidade tem direito a 6% do valor arrecadado. De acordo com o professor Luiz Carlos Federizzi, a previsão para 2011 é de a UFRGS receber em torno de R\$ 200 mil de royalties pela licença aos cultivares colocados no mercado nacional: “Isso que o Brasil não é um grande consumidor de aveia”, gaba-se o pesquisador.



FLÁVIO DUTRA/JU



Literatura Onde estão as novas produções do gênero?

Caroline da Silva

Carlos Drummond de Andrade deixou um legado indiscutível. O poeta será o homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) em 2012, data em que se completarão 110 anos de seu nascimento. Em função disso, a Companhia das Letras anunciou o relançamento da obra do mineiro e já se discute uma possível edição dos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles sobre ele.

Antônio Marcos Vieira Sanseverino, professor de Literatura da UFRGS, lembra que o poema com os versos mais conhecidos do autor chama-se *Legado*, integrante do livro *Claro enigma*. “Estamos no início dos anos 50, e ele pergunta que lembrança deixará ao país. Ao final do

soneto, o poeta diz que restará ‘uma pedra que havia no meio do caminho’. Em 1928, ele publicou na Revista de Antropofagia *No meio caminho*. ‘No meio do caminho, tinha uma pedra...’ O poema repete de modo obsessivo esse verso e se centra no obstáculo. O olhar que desce para o chão e vê uma pedra, apenas uma pedra. Não amplia o horizonte, não explica o sentido, não avança... O poema causou estranheza para Mário de Andrade, que o chamava de ‘o poema do cansaço’. Causou polêmica por várias razões. Uma delas chega a ser engraçada. Reclamavam que escrevera ‘tinha’, fazendo uso do verbo *ter*, quando deveria ter usado *havia*. É justamente o verso final do soneto de 1950, que ironicamente fala desse marco, da pedra no meio do caminho”, observa.

Obstáculos e persistência – Muitas décadas depois, o entrave vislumbrado por Drummond continua sendo a marca do gênero poesia no Brasil. O cansaço percebido por Mário de Andrade caracteriza a prática dos que tentam publicar seus versos em livro. O ganhador do último Prêmio Açorianos de Literatura na categoria

poesia e também na categoria Livro do Ano, com *Fim das coisas velhas*, recorda que demorou nove anos para conseguir publicar sua segunda obra – *Pés de aragem* (2007). Por isso, Marco de Menezes resolveu criar a Editora Modelo Nuvem.

O coordenador do projeto *Poemas no Ônibus*, Fernando Rozano, relata ter percebido que muitos dos participantes inscreviam suas poesias com o objetivo de integrar o livro que compila as criações selecionadas. Desde 1992, a iniciativa coloca matrizes de poesia nas janelas dos coletivos da capital e publica a coletânea anual dos escolhidos. No entanto, Rozano ressalta: “O livro é a memória do concurso, e não a sua razão de ser”.

Muro das lamentações – Menezes explica o desejo de se sentir oficializado em papel: “A condição de se sentir poeta se conforma de fato quando tu publicas, mesmo que ser poeta seja uma situação multifacetada e precária. Então, qual o lugar da poesia hoje? Nesse cenário em que a própria literatura luta para sobreviver à concorrência, que já é competição, – com outras mídias, com

a internet, a televisão –, a poesia, que já está lá embaixo, onde fica?”. O escritor e editor acrescenta, refletindo sobre este momento: “Se existe lugar para o poeta que não seja medalhão? Salvo a Companhia das Letras, a Cosac Naify, que têm algum critério, que publicam com algum viés gente nova, o resto não publica porque vende apenas para um público muito restrito. Talvez esses outros veículos – ônibus, blogs, jornais de bairro, revistas – tenham um apelo que o livro já perdeu”.

Proprietário da editora L&PM, Ivan Pinheiro Machado assegura que há espaço para novos poetas e que a L&PM Pocket é a coleção brasileira que publica mais poesia, dos clássicos aos modernos. “Na verdade, a poesia vive um paradoxo: é a mais difícil de todas as artes; no entanto, todo mundo é poeta. Mas, para cada 1 milhão de poetas, um é extraordinário. A grande poesia está acima de tudo. Mas é rara como um diamante. É por isso que não vende. Porque 99% é muito ruim”, comenta o editor.

O professor Sanseverino, por sua vez, tem uma posição otimista: “Talvez a revalorização de Drummond ajude a divulgação de poetas novos. É curioso pensar Drummond como antigo e como mestre, pois a dimensão de força dele vem de sua ironia e de sua confrontação... Pois bem, ele fez parte de uma geração que conviveu com Bandeira e que teve Cecília Meireles, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Mário Quintana, e, na sequência, conviveu com João Cabral de Melo Neto, acompanhou Ferreira Gullar e os concretos, e ainda produzia quando a canção ganhou espaço e dignidade de poesia, que acompanhou o lançamento de Adélia Prado e viu a poesia descer ao rés do chão com a geração de 70...”. A diferença entre as épocas apontada pelo pesquisador denota que a poesia tinha um espaço maior na escola e na esfera pública, com mais leitores formados. “Assim, não significa que não haja bons poetas, nem que não possa surgir gente de grande relevância, mas o espaço para a poesia é pequeno. Dessa forma, o destaque dado para Drummond pela Cia das Letras pode ser bastante positivo.”

Hobby x profissão – Apesar das vendas (que fizeram *Fim das coisas velhas* “se pagar”) e dos prêmios do último livro, que seriam o reconhecimento da sua excelência como poeta, o médico Marco de Menezes ressalta que não é possível ter uma renda que permita viver de poesia. “Hoje, quem vive bem de poesia ou é o Ferreira Gullar, ou os herdeiros da família Drummond. No Brasil, realmente são pouquíssimos os que vendem. O Ferreira Gullar talvez seja um deles, até porque seus últimos livros ganharam um grande espaço. Ele e o Manoel de Barros devem ser os últimos [poetas] vivos [a se manterem com a poesia]. Acho que mudou um pouquinho a relação desses grandes poetas com as editoras; conseguiram fazer contratos mais vantajosos. Mas poeta de hoje não ganha dinheiro.” Formado em Medicina há 20 anos, Menezes trabalha com clínica de urgência e emergência, fazendo plantões em Caxias do Sul.

Com a Editora Modelo de Nuvem, que foi inaugurada com o seu livro premiado em 2010, Menezes também não prospecta vantagem financeira. “Vamos trabalhar os primeiros anos no vermelho mesmo, montando catálogo. Depois pode ser que haja lucro, mas não com poesia”, conclui de forma cética.

Lições de um mestre

“Drummond foi chamado de nosso poeta maior. Essa expressão traz a indicação de que ele enfrentou grandes temas, como a Segunda Grande Guerra, as questões sociais. A contraposição é feita em relação à dicção muito qualificada, voltada às pequenas coisas do cotidiano, como é o caso de Bandeira. A grande

diferença é que a lírica de Drummond enfrenta o peso do mundo, sem buscar necessariamente o consolo em um sublime escondido na miudeza da vida. Digamos que ele tem uma lírica madura, sem concessões a si ou ao leitor. Alia à expressão poética uma ironia de teor melancólico que deixa o travo amargo na boca. Ele se

volta para o mundo e nos mostra as tensões por que passam os homens.” As considerações sobre o escritor que completaria 110 anos em 2012 são do professor de Literatura da UFRGS Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

Para a efeméride, cogita-se a publicação de uma edição dos Cadernos de Literatura Brasileira

do Instituto Moreira Salles (IMS). Conforme Sanseverino, essa coleção “contribui para uma divulgação melhor informada da poesia brasileira. Os antigos números estão sendo postos à disposição do público no site do IMS. Vale conferir”. O endereço para o acesso é <http://ims.uol.com.br/Cinema/D674/P=679>.

JU indica

40 Microcontos Experimentais

Airton Cattani
Porto Alegre, Marcavizual, 2011,
96 páginas
R\$ 80 (preço médio)

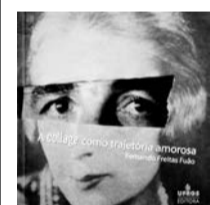


O projeto gráfico é o grande atrativo deste livro, um dos resultados do estágio pós-doutoral que o escritor e professor dos cursos de Design e Arquitetura da UFRGS

realizou em 2010 junto ao Centre d'archives d'architecture du XXème siècle, em Paris. Concebida como um objeto sensorial, a publicação tem uma encadernação que confere ao livro um caráter lúdico, podendo ser aberto e exposto de diversas maneiras. O experimentalismo também está presente na tipografia, que utiliza diversas fontes em arranjos pouco usuais. Seguindo a lógica do microconto – na qual mais importante que mostrar é sugerir, deixando ao leitor a tarefa de entender a narrativa por trás da história escrita –, o autor nos apresenta pequenas histórias cheias de contradições. Um exemplo é o microconto *Alegria de pobre*: “Depois que o jornalista fechou a banca, o mendigo não pôde mais ler o *Le Monde Diplomatique*”. É com esse olhar irônico que Cattani consegue surpreender o leitor. O livro foi um dos finalistas do 7.º Prêmio Gaúcho de Excelência Gráfica, promovido pela Associação Brasileira da Indústria Gráfica. (Ánia Chala)

A Collage como Trajetória Amorosa

Fernando Freitas Fuão
Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2011,
120 páginas
R\$ 25 (valor médio)



Segunda obra dedicada ao tema que se publica no Brasil – antes dela, há uma referência essencial, *Collage em Nova Superfície*

(1984), de Sérgio Lima –, o livro de Fernando Fuão nos apresenta uma teoria da criação da *collage*. O professor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS parte da definição do pintor e artista gráfico Max Ernst, para quem a *collage* é a transfiguração de todas as coisas e seres, em uma mudança de significado, para nos guiar por uma viagem apaixonada pelo que entende como sendo a essência do século XX. A intenção expressa do autor é revelar a profundidade e o simbolismo dos atos, aparentemente inocentes e superficiais, contidos no simples recortar de uma figura de uma revista. Para isso, Fuão propõe a crítica à fotografia como instauradora de uma maneira diferente de representar e de construir o mundo. Lançando mão das ideias do filósofo e jornalista tcheco Vilém Flusser, ele argumenta que não temos porque ter receio de recortar fotografias, pois, no fundo, esse temor é pela sacralidade, intocabilidade, pureza, realismo, verdade, beleza que temos lhe atribuído ao longo dos séculos. Afirmando que talvez a palavra mais adequada para designar a atração que a fotografia desperta seja a “aventura”, o autor sustenta que é justamente o princípio da aventura que permite a existência da *collage*. “A aventura de desfigurar, recortar aquilo que se configura erroneamente como realidade transcrita ao papel. O olhar que recorta a figura é o desejo que me anima. O sentido da imagem é seu uso, fora disso é alienação. A *collage* consiste em deixar marcas, assinalar superfícies, abrir janelas em falsas janelas. Verdadeiramente, um ato de iluminação”, conclui. (AC)



FLAVIO BURTRAVU

Inclusão

Timidamente, nos últimos cinco anos, o Brasil tem começado a produzir bens culturais com audiodescrição

Jacira Cabral da Silveira

No alto da página, a foto de uma jovem de cabelos curtos, com mechas claras na franja longa sobre o rosto. Ela está acorçada entre uma janela alta e uma porta aberta, que dá para o interior escuro de um prédio antigo. Aparentando menos de 20 anos de idade, a estudante concentra-se na leitura de um caderno de capa preta com detalhes cor de rosa. À esquerda, quase que imperceptível, há um carro branco estacionado com a placa de final 4634. É dia claro.

Para a maioria dos leitores, o parágrafo acima é redundante, pois basta olhar a foto para ver esses e muitos outros detalhes. Mas, para mais de 16 milhões de brasileiros com deficiência visual, cegos ou com alto prejuízo na visão, essas informações não fazem parte de sua comunicação com o mundo.

Embora seja cada vez mais comum nos depararmos com pessoas cegas andando de forma independente nas ruas, pegando ônibus, fazendo compras, estamos muito distantes de entender o que representa não enxergar. Entretanto, nos últimos cinco anos, vem crescendo no Brasil uma atividade profissional que trabalha justamente no sentido de buscar traduzir imagens em palavras: são os audiodescritores.

Audiodescrição é um modo de tradução audiovisual que se caracteriza pela descrição em áudio – ao vivo, simultânea ou pré-gravada – das imagens de um produto audiovisual (filme de cinema, programa de tevê ou peça teatral) entre as falas originais, com vistas a proporcionar o completo

acesso de pessoas com qualquer tipo ou grau de deficiência visual ou cognitiva ao material audiovisual.

“É tocante ver pessoas com deficiência visual, especialmente crianças, podendo curtir um espetáculo de teatro.” Para a audiodescritora gaúcha Leticia Schwartz, promover esse acesso às crianças com deficiência visual é contribuir para a sua formação, pois de outra forma elas não teriam como acessar o mundo de informações contidas nas produções de cinema e teatro. “Não adianta só a escola, tem também o aspecto cultural que nos constrói enquanto sociedade. E essas pessoas poderem estar inseridas nessa cultura é fantástico”, completa.

Roteirista e narradora, Leticia também coordena a equipe de produção da Mil Palavras, empresa que tem apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e é uma das poucas no Brasil que trabalha com audiodescrição. Segundo a especialista, existem cerca de quinze profissionais experientes na área trabalhando na formação de audiodescritores, principalmente nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Leticia também desenvolve oficinas e presta consultoria a projetos de inclusão cultural.

A empresa Vivo de telefonia celular vem investindo em cursos técnicos, ministrados pela professora Lívia Vilela de Melo, responsável pela preparação dos audiodescritores da primeira peça brasileira com audiodescrição no país. Lívia é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC de São Paulo e atua na área de formação de professores para a escola inclusiva em cursos de graduação na Faculdade Sumaré e de extensão universitária na PUC/SP.

Nesses cursos de formação, os audiodescritores aprendem a explorar a riqueza de cenários e a caracterização de personagens, a fornecer informações sobre a ação para ampliar o entendimento das pessoas com deficiência visual, promovendo, assim, o acesso à cultura e à informação em sessões de teatro, programas de TV e cinema. De acordo com Leticia, o audiodescritor precisa desenvolver a observação, a sensibilidade e a habilidade de escolha para reconhecer o que é relevante na

descrição daquele momento: “É tudo dentro da limitação de tempo e de espaço”, ressalta.

Quando Leticia começou a trabalhar com audiodescrição há cerca de cinco anos, não havia o número de cursos existentes hoje em dia, e ela precisou ser autodidata para desenvolver sua habilidade de narradora. Assistiu a muito material com audiodescrição, pesquisou na internet, viu DVDs, leu muito a respeito, conversou com audiodescritores mais experientes e consultou sua assistência.

Nesse processo, ela avalia que a formação em Artes Cênicas foi fundamental para o seu atual desempenho. “Para uma boa audiodescrição se necessita ter empatia, colocar-se no lugar daquele que escuta, procurando antecipar o que ele vai entender do filme a partir da audiodescrição. Nisso a formação em teatro acaba ajudando.”

Em seu trabalho, Leticia conta que primeiro assiste ao filme de olhos vendados. Ela diz que, embora o áudio ‘fale’ muito, a tendência é haver redundância de informações: “Não há necessidade de descrever um telefone que toca”, explica. Depois desse primeiro contato já é possível listar todos os sons que poderão ser aproveitados e aqueles que precisarão ser explicitados por não serem autointeligíveis. “Trabalhamos na descrição de um monstro que atravessava a parede de uma sala. Quando a gente assistia ao filme, o som fazia o maior sentido, mas se a gente fechava os olhos escutava somente o som de vidros se estilhaçando. Se a informação não for correta, a pessoa será levada a entender outra coisa”, observa.

Obrigatoriedade – Lívia Vilela de Melo começou o trabalho de formação de audiodescritores porque essa modalidade de comunicação tornou-se obrigatória na tevê brasileira a partir de novembro de 2008, conforme determinação da portaria n.º 466, de 30 de julho 2008. O documento enfatiza a necessidade da formação de profissionais que possam atender à demanda das emissoras de televisão, além de outros segmentos como o teatro e o cinema.

Nesse sentido, a Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB) está promovendo uma pesquisa nacional de recepção da audiodescrição para traçar

o panorama inicial das cidades, programas de tevê e plataformas (TV aberta, a cabo e satélite) em que os espectadores estão recebendo esse serviço.

Segundo o presidente da ONCB, Moisés Bauer Luiz, várias pessoas têm procurado a instituição relatando dificuldades no acesso à audiodescrição que passou a ser veiculada a partir de 1.º de julho de 2011 por algumas emissoras de televisão, conforme previsto na Portaria n.º 188/2010 do Ministério das Comunicações. Uma lista dos programas de tevê que disponibilizam a audiodescrição pode ser conferida no box ao lado.

Para o presidente da Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência no RS (FADERS), Cláudio Silva: “A questão da audiodescrição tem avançado passo a passo, de forma lenta”. Uma das ações mais recentes foi realizada no dia 21 de setembro, quando a Fundação assinou termo de cooperação com a TVE, a Associação de Cegos do Rio Grande do Sul (ACERGS) e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis-RS) para a produção e veiculação de pelo menos dois programas com audiodescrição e tradução em libras, a serem exibidos até o final do ano pela TVE.

Ainda em 2011, Cláudio Silva espera poder retomar, junto com a Secretaria da Cultura, a realização do seminário de capacitação de produtores para trabalhar projetos culturais com acessibilidade. Ele comenta desconhecer o motivo do adiamento de tal evento, que já deveria ter ocorrido e para o qual a Fundação havia treinado monitores.

Na avaliação do presidente da FADERS, organismo do estado responsável por articular políticas públicas em prol da acessibilidade para as pessoas portadoras de deficiência, a audiodescrição deve ser tratada como as demais questões que garantem o direito à acessibilidade. Ele destaca a importância do desenvolvimento de uma cultura de acessibilidade que permeie os diferentes segmentos da sociedade. “Não é preciso uma formação específica para saber que o comercial de pizza deve informar de forma audível o número de telefone para o telespectador poder fazer seu pedido. Isso não é audiodescrição, mas a cultura da acessibilidade.”

Programação da TV brasileira com audiodescrição

Domingo:
Temperatura Máxima, TV Globo, 13h

Segunda-feira:
Tela Quente, TV Globo, 22h

Quarta-feira:
Comédia MTV, MTV, 0h30

Sexta-feira:
Chaves, SBT, 18h

Sábado:
Chaves, SBT, 6h
Comédia MTV, MTV, 22h15

Observação: vale lembrar que a audiodescrição deve estar disponível para quem assiste à programação pela televisão digital, ou seja, que utiliza um conversor digital acoplado (ou já inserido) ao aparelho de televisão.

Comerciais publicitários com audiodescrição

“Natura Naturé – A grande história da água”
“Natura mamãe e bebê”
“Natura kayak – O que move você?”
“Natura banho de gato”
“Iguais na diferença – Pela inclusão das pessoas com deficiência”
“AVAPE pelo respeito”

DVDs

No site <http://comaudiodescricao.blogspot.com/p/dvd.html> é possível conhecer todos os filmes que têm audiodescrição disponíveis nas locadoras. Nas especificações sobre o filme deverá vir a opção AD, que caracteriza a presença do recurso. Só em 2010 foram audiodescritos 54 filmes (comerciais e restritos) e, em 2011, já estão disponíveis os títulos comerciais: 5 vezes favela, de Manaira Carneiro, Wavá Novais e Alessandra Savino, pela Sony Pictures; Incuráveis, de Gustavo Acioli, pela Cinéma Falado Produções e Lavoro Produções; Nosso Lar, de Wagner de Assis, pela Fox Film; e Novos Rumos, de Marcelo Antunes e Juarez Pavelak, pela Cinéma Falado e pelo Instituto Muito Especial.

► **Redação** Caroline da Silva | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

MAURÍCIO CONCATTO

Ausência eterna



Tefa Polidoro concebeu o espetáculo (*E)terno* para seu bacharelado em atuação

No palco Teatro e dança exprimem sentimentos de uma história autobiográfica

Um drama pessoal marca a edição de outubro da 9.ª Mostra Anual Universitária Teatro, Pesquisa e Extensão: (*E)terno*, espetáculo autobiográfico de Tefa Polidoro. Aos 25 anos de idade, a estudante Stefanie Liz Polidoro estreou em Caxias do Sul (sua cidade natal) o seu projeto de graduação. A pré-estreia ocorreu em novembro de 2010, por uma exigência do prêmio do município que financiou a montagem. (*E)terno* foi apresentado oficialmente na UFRGS em dezembro. Ela, que tem como nome artístico Tefa, formou-se no verão de 2011 em Teatro – Bacharelado em Atuação.

Conforme a atriz, trata-se de um espetáculo solo, retratando uma fase da vida da mãe da artista: da filha bebê até os quatro anos de vida. No entanto, Tefa adverte que, apesar de ela estar sozinha no palco, a peça tem vários personagens: a mãe, ela mesma, os vizinhos, familiares, o pai ausente que se materializa na figura de um terno. Daí decorre o título da montagem. Quando a mãe de Tefa estava grávida, o pai viajou em

busca de uma oportunidade de trabalho melhor no Mato Grosso do Sul, dizendo que regressaria assim que estivesse estabelecido. Sua mulher o esperou por quatro anos com a aliança no dedo. “A única referência que tinha do meu pai era aquele terno, que tinha ficado como uma promessa de que ele voltaria.” Na peça, a atriz chega a dialogar com o blazer do conjunto.

Mas ela faz questão de informar que: “Não é a minha história. Eu queria trabalhar as sensações desse episódio, com o qual, de certa forma, o público se identifica”. A partir do drama de uma mulher que aguarda notícias do marido que viajou, são abordadas a incerteza, a solidão, a angústia e a decepção.

Tefa só foi conhecer o pai aos 18 anos, mas sempre teve relação com a família paterna, que reside em Caxias do Sul. Embora não tenha voltado a ver o pai, mantém uma relação virtual afetiva com o meio-irmão que mora no Mato Grosso do Sul e deverá visitá-la nos próximos meses. “Foi difícil,

não queria expor a minha mãe. Ela sempre falou muito pouco sobre isso, não queria ‘queimar’ meu pai para mim. Enquanto estava escrevendo o projeto, aproveitei uma jantar e servi muito vinho para que ela pudesse me contar mais detalhes.” Tefa começou a escrever o projeto aos 24 anos, exatamente a idade que a mãe tinha quando ela nasceu. A orientação foi da professora Luciane Olendzki e (*E)terno* tem a direção de Márcio Ramos. O espetáculo foi originado na disciplina de Estágio de Atuação II.

A montagem será apresentada em todas as quartas-feiras do mês de outubro, incluindo o feriado de Nossa Senhora Aparecida. As sessões ocorrem sempre às 12h30min e às 19h30min, na Sala Alziro Azevedo (Av. Salgado Filho, 340), com entrada franca.

A peça integra o projeto organizado pelo Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes em parceria com as Pró-reitorias de Pesquisa e de Extensão da Universidade.

CINEMA

Mostra Quentin Tarantino

A Sala Redenção dedica sua programação ao cineasta norte-americano. O ciclo tem curadoria de Tânia Cardoso, com o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou. As sessões têm entrada franca. Informações pelo telefone 3308-3933 e pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br.

KILL BILL: VOL. 1 (EUA, 2003, 110 min)
A Noiva (Uma Thurman) é uma perigosa assassina que trabalha em um grupo liderado por Bill e que é composto principalmente por mulheres. Ela está prestes a se casar com ele, mas, no dia de seu casamento, seu noivo e companheiras de trabalho se voltam contra ela.
Sessões: 20 de outubro, 19h; 21 de outubro, 16h; 27 de outubro, 19h

KILL BILL: VOL. 2 (EUA, 2004, 134 min)
Após ser traída por Bill e seu antigo grupo, a

personagem de Uma Thurman fica à beira da morte por 4 anos. Após despertar do coma, parte em busca de vingança.
Sessões: 21 de outubro, 19h; 24 de outubro, 16h; 31 de outubro, 16h

JACKIE BROWN (EUA, 1997, 154 min)
Comissária de bordo trafica dinheiro para os Estados Unidos, a mando de um vendedor de armas. Quando dois policiais oferecem um acordo para que ela entregue o bandido, a mulher decide enganar todos os envolvidos.
Sessão: 20 de outubro, 16h

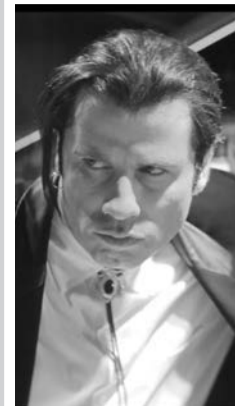
À PROVA DE MORTE (EUA, 2007, 113 min)
O ex-dublê Mike (Kurt Russell), a bordo do seu carro blindado aterrorizante, persegue grupos de amigas bonitas em busca de diversão.
Sessões: 24 de outubro, 19h; 25 de outubro, 16h



BASTARDOS INGLÓRIOS (EUA, 2009, 153 min)
Na II Guerra Mundial, a França está ocupada pelos nazistas. O tenente Aldo Raine é encarregado de reunir um pelotão de soldados de origem judaica, com o objetivo de matar o maior número possível de nazistas de forma cruel.
Sessões: 25 de outubro, 19h; 26 de outubro, 16h; 31 de outubro, 19h

CÃES DE ALUGUEL (EUA, 1992, 99 min)
Experiente criminoso reúne seis bandidos para um ousado roubo a uma joalheria, mas esses homens não sabem nada uns sobre os outros e cada um utiliza

uma cor como codinome. Porém, durante o assalto, algo sai errado. Sessão: 26 de outubro, 19h



PULP FICTION - TEMPO DE VIOLÊNCIA (EUA, 1994, 154 min)
Dois assassinos profissionais devem fazer cobrança para um gangster. Um deles é forçado a sair com a garota do chefe, temendo passar dos limites; enquanto isso, boxeador se mete em apuros por ganhar luta que deveria perder.
Sessão: 27 de outubro, 16h

PLANETÁRIO

Em outubro, o Planetário Prof. José Baptista Pereira da Pró-reitoria de Extensão terá uma programação especial em virtude do XII Salão de Extensão. Solicita-se chegar com antecedência, pois não é permitida a entrada na sala após o início da projeção. Outras informações na página www.planetario.ufrgs.br.

Programa infantil

O PRÍNCIPE SEM NOME Solitário em seu planeta, o Príncipe Sem Nome comemora a chegada de uma nave vinda da Terra. Com os novos amigos Alex e o cachorrinho Pólux, ele passeia pelo Sistema Solar e descobre a diversidade de seres vivos que habitam a Terra. Duração: 37min.
Sessões: 23 e 30 de outubro, às 16h
Ingresso individual: 1 kg de alimento não perecível

Programa adulto

KUÁT E IAÊ

Kuát e Iaê – Sol e Lua para os Kamayurá – é uma incursão pela visão de mundo do indígena brasileiro. A origem do dia e da noite, a criação dos astros, o surgimento do primeiro homem, a integração do espaço celeste à vida diária. Um universo fundamentado por mitos que regulam as relações entre o homem, a Terra e o Céu. Duração: 53min.
Sessões: 23 e 30 de outubro, às 18h
Ingresso individual: 1 kg de alimento não perecível

Projeto Selene

Observação da Lua e de objetos celestes notáveis através de telescópios no pátio do Planetário. Em caso de mau tempo, a atividade será cancelada.
Data: 30 de outubro, após o pôr do sol
Entrada franca

TEATRO

Mostra DAD 2011-1

Mostra que apresenta uma seleção dos melhores espetáculos produzidos por alunos da curso de Teatro da Universidade.

ENSAIO SOBRE A REPETIÇÃO



Por meio de pequenas histórias que abordam padrões de aprendizado e comportamento, hábitos cotidianos e relações sociais, o grupo Barraquatro criou um espetáculo no qual as atrizes transitam pelas variáveis da repetição. Tendo a improvisação como ferramenta, criou-se uma dramaturgia própria, que se utiliza de histórias

personais e de fragmentos dos textos de Sarah Kane, Gabriel García Márquez e Camus para compor um quadro que questiona o espaço da repetição em nossas vidas. Em cena, duas atrizes que se valem da repetição não só como conceito, mas como forma, brincando com gestos, palavras e sonoridades que se recombinam para ganhar novos significados. A peça foi desenvolvida como trabalho da aluna Sofia Villasboas para a disciplina Estágio de Atuação II dentro do Departamento de Arte Dramática da UFRGS em parceria com o Grupo Barraquatro. Direção: Júlia Rodrigues

Elenco: Carolina Pommer e Sofia Villasboas
Orientação do Estágio de Atuação II: Patrícia Fagundes
Sessões: 28, 29, 30 e 31 de outubro (de sexta a segunda),
Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 20h
Classificação: 14 anos
Entrada franca

ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

► **Museu da UFRGS**
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

► **Sala Alziro Azevedo**
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

► **Sala Fahrion**
Av. Paulo Gama, 110 – 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3600

► **Salão de Festas**
Av. Paulo Gama, 110 – 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA/UFRGS**
Rua Senhor dos Passos, 248 - 1.º andar
Fone: 3308-4302

► **Planetário da UFRGS**
Av. Ipiranga, 2.000
Fone: (51) 3308-5384

MÚSICA



III Encontro Internacional de Contrabaixistas – Milton Romay Masciadri

O evento terá masterclasses, recitais e palestra que visam promover o aperfeiçoamento da técnica instrumental dos participantes, oportunizar seu aprofundamento nas técnicas interpretativas do repertório instru-

mental e oferecer a eles uma oportunidade adicional de performance e pesquisa. A programação completa pode ser acessada pelo site <http://www.extensao.musica.ufrgs.br/>. Todas as atividades têm entrada franca.

RECITAL DO PROF. MILTON WALTER MASCIADRI
Data: 3 de novembro, quinta
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa do IA, às 20h

RECITAL DO PROF. GEORGE AMORIM.
Data: 4 de novembro, sexta
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa do IA, às 20h

RECITAL DO QUARTETO DE CONTRABAIXOS GRAVISSIMO
Data: 5 de novembro, sábado
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa do IA, às 17h

EXPOSIÇÃO

Olhar por todos os sentidos

Exposição de trabalhos produzidos no Atelier de Cerâmica do Instituto de Artes na ação de extensão Cerâmica e Inclusão. A exposição é resultado de dois anos de trabalho com uso do material cerâmico a partir de diferentes percepções, uma vez que os alunos do atelier têm especificidades físicas (baixa visão e audição, cegueira). Também estarão expostos trabalhos do projeto Astronomia com Arte – materiais didáticos para o ensino de Astronomia, produzidos por deficientes visuais.
Visitação: até 30 de outubro, das 8h às 18h
Local: saguão do Planetário da UFRGS
Entrada franca

Por que o padre Landell de Moura foi inovador?

Mostra itinerante que integra as atividades da Semana Nacional de

Ciência e Tecnologia. A exposição tem como objetivos divulgar as investigações científicas e os inventos do padre Landell de Moura e despertar o interesse dos estudantes para a Ciência. Compõem a mostra oito pôsteres em que a vida e a obra do padre inventor são apresentadas por meio de histórias em quadrinhos com textos e imagens complementares.
Visitação: até 6 de novembro, das 8h às 18h
Entrada franca

Ilustração: Arte de Narrar



Exposição que reúne trabalhos de 40 artistas ilustradores, incluindo a produção dos integrantes do Núcleo de Ilustração e Quadrinhos do Instituto de Artes (NIQ) e do acervo histórico do Instituto de Artes, formado por obras de João Fahrion e Francis Pelichek. Entre os artistas selecionados, Aline Daka, Ana Terra, Cristina Biazetto, Edgar Vasques, Edu Oliveira, Eduardo Vieira da Cunha, Fábio Zimbres, Guazzelli, Hermes Bernardi Jr., Jaca, Kyoko, Laura Castilhos, Marília Pirillo, Moa, Nara Amélia, Paula Mastroberti, Rodrigo Núñez, Tatiana Sperhacke, Teresa Poester e Vit Núñez
Visitação: até 11 de novembro
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h.
Entrada franca

Oretatypy: presença mbya-guarani no Sul e Sudeste do Brasil

Exposição organizada pelo Museu da UFRGS em parceria com o Núcleo de Políticas Públicas para os povos indígenas da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Urbana da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) e o Museu do Índio do RJ/Funai. Os visitantes irão conhecer a perspectiva mbya-guarani em relação ao mundo – sua cosmologia – e como isso se reflete em suas atividades cotidianas. Um dos eixos da mostra, intitulado “Os seres da mata e sua vida como pessoas”, apresenta animais esculpidos de madeira e fotografias de Vherá Poty e Danilo Christidis.
Visitação: até 1.º de junho de 2012, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h

Meu Lugar na UFRGS



FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU

Um xerox sem igual

Imagine um espaço um tanto pequeno, de aproximadamente nove metros quadrados. Agora coloque três máquinas de impressão e cópia, dois balcões e duas prateleiras cheias de caixas, papéis e pastas coloridas, e você terá o lugar onde Abílio Paulo Martins e Seno Luis Klein passam a maior parte do tempo. São cerca de treze horas por dia, de segunda a sexta. Pergunto se no fim de semana também acontece de se encontrarem, já que são bons amigos. A resposta vem rápida: "Para, aí já é demais!", diz Abílio.

Os "tios do xerox", como são chamados pelos alunos, professores e funcionários da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Fabico), são companheiros de longa data. Conheceram-se há cerca de doze anos, quando ambos eram funcionários do xerox da antiga Escola Técnica da Universidade. Seno, que trabalhou boa parte da vida no comércio, começou ali em 1994, a convite do cunhado. Abílio, o mais velho dos dois, deixou para trás a construção civil em Tramandaí, cidade em que morou por 45 anos, para entrar, em 1998, no mundo das cópias.

Como quase todo início em algo novo, a dupla passou por algumas dificuldades até aprender a "pilotar" as copiadoras com tranquilidade. "No início, eu fazia as cópias de um jeito e saía de outro, porque a máquina é com espelho – dependendo da maneira que tu faz, a cópia fica de ponta cabeça", conta Seno. Ele comenta que chegou até a pensar em desistir nos primeiros dias, por conta das frustrações no novo emprego. Abílio lembra do episódio em que, por pura inexperiência, acabou tirando cópia de um livro inteiro apenas, na verdade, o cliente queria apenas a fotocópia de um dos capítulos.

Com o tempo, não apenas as habilidades técnicas foram aprimoradas como também a confiança entre os dois cresceu, ao ponto de formarem uma sociedade comercial. Em 2001, "os tios do xerox" venceram uma concorrência e conquistaram a permissão para abrir uma loja de cópias no terceiro andar do prédio da Fabico, atendendo tanto à Faculdade quanto à Escola Técnica. Além dos serviços tradicionais, Abílio e Seno podem retirar livros na biblioteca para pessoas que não são alunos da UFRGS e que precisam do material para algum trabalho. "A gente retira, faz a cópia do capítulo solicitado e devolve o livro. Fazemos isso há uns oito anos", conta Seno.

Conforme a dupla, a principal melhoria a ser feita atualmente no

negócio diz respeito ao espaço físico disponível. "Eu gostaria que o lugar fosse maior, assim nós poderíamos ter mais de um computador, mais uma máquina de cópia colorida, uma guilhotina e um balcão melhor para atender aos alunos e professores", enumera Abílio. A quantidade de pessoas que frequenta o lugar é grande e são poucas as ocasiões em que os dois não estão trabalhando. Durante a entrevista para essa matéria, em vários momentos Seno precisou interromper sua fala para atender aos estudantes que chegavam.

São cerca de cinco a seis mil cópias feitas diariamente, e o cansaço, segundo eles, vem apenas do fato de passarem a maior parte do tempo de pé e terem de ficar atentos aos pedidos dos alunos. "O que faz eu me sentir bem e não cansar é justamente o trabalho com os jovens. Todo dia é um aluno, um professor diferente. Às vezes eu esqueço a minha idade e acho que sou um guri, porque a minha cabeça está sempre fresca, atualizada", conclui Abílio. Outra fonte de distração e informação dos dois é a pequena televisão fixa num suporte junto à parede. Mais do que um simples equipamento, ela é a companhia inseparável da longa jornada de trabalho. "Essa aí tem uns 10 anos ligadinha e nunca estragou", garante Seno.

Dez anos, aliás, é o tempo que a dupla pode permanecer na Fabico. O prazo se esgota no final de 2011 e, caso a administração da Universidade decida abrir nova concorrência, não é certo que Abílio e Seno continuarão na Fabico no próximo ano. "Se houver nova concorrência, a gente vai se candidatar de novo. Mas ninguém sabe no que vai dar. Ganha a empresa que estiver com a documentação em dia e fizer um preço maior do aluguel", explica Abílio. O jeito, por enquanto, é ficar só na torcida para que tudo dê certo. Se trabalho duro e simpatia garantissem a vaga, certamente os "tios do xerox" não teriam por que se preocupar em perder o seu tão querido lugar na UFRGS.

Daiane de David, estudante do 6.º semestre de jornalismo da Fabico.

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jorna@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Seja na França, seja na UFRGS

Lovois de Andrade Miguel, o diretor do Iepe, sente-se em casa

Jacira Cabral da Silveira

Em breve, o freezer estará cheio de tenras folhas de parreira, colhidas na primavera, e logo seu Lovois Miguel irá chamar filhos e netos para se sentarem à mesa e se deliciarem com os tradicionais charutinhos da culinária árabe. Além do nome, o diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe), Lovois de Andrade Miguel, herdou do pai o gosto pelas reuniões em família.

A esposa Tatiana, professora da Escola de Enfermagem da UFRGS, e os dois filhos, Theo (10) e Sofia (7), já conhecem os segredos que envolvem os pratos árabes, ainda que só os pais executem a tarefa de prepará-los. E certamente esse ritual será repetido muitas vezes enquanto a família estiver passando uma temporada em território francês durante o pós-doutorado dos pais, o que deve acontecer nos próximos anos.

Depois de uma década envolvido com atividades administrativas e de coordenação junto ao Iepe, Lovois avalia que está na hora de retomar suas questões de pesquisa: história agrária, agricultura local, produção e organização agrícola. Por isso, ele pretende retornar ao país onde já viveu em duas ocasiões diferentes.

O período mais longo foi quando cursou o mestrado e doutorado, de 1988 a 1997. Já casados, ele e Tatiana decidiram que regressariam ao Brasil somente depois de pós-graduados, só então também pensariam em ter filhos. Até porque, a vida de estudante no exterior era difícil, tornando-se menos complicada apenas quando um dos dois havia conseguido uma bolsa de estudos; do contrário, o jeito era se virar pegando o que fosse para garantir o dia a dia do casal. Se não fosse o seu Lovois voar para a França, o filho não teria nem roupa nova para a defesa de tese, nem como comprar as passagens de volta.

Epopeia – Mas foi um ano antes de conhecer a esposa numa festa de formatura da Faculdade de Agronomia, cursada por Lovois de 1982 a 1986, que o filho de dona Beatriz viveu sua mais aventureira temporada na Europa, tendo a capital francesa como ponto de referência. Depois de concluir a graduação, sua prima Magda, professora na Universidade de Paris-VII à época, incentivou-o a passar uma temporada na França, quando o apresentaria a seus amigos camponeses e donos de terra para que ele pudesse estagiar e assim ampliar sua visão de mundo.

Então Lovois ganhou do pai como presente de formatura uma passagem para Paris. Ele só não sabia que o filho ficaria por lá durante um ano inteiro e que seria preciso intimá-lo a voltar para o Natal daquele ano, 1987. Além da experiência em colheitas de uva e cereja, Lovois fez pequenas reformas, ajudou em mudanças, trabalhou em hotel e pegou uma infinidade de caronas. "Vivi muitas vidas", comenta. A mais peculiar dessas viagens ocorreu



quando regressava do norte da Itália, da "lindíssima" Verona, depois do estágio numa plantação de cerejas, que em princípio seria remunerado. O pagamento acabou não ocorrendo.

Sem dinheiro, ele e um ex-colega de faculdade não conseguiram carona, pois ninguém queria "atravessar estrangeiros" pela fronteira. Foram dois dias dormindo na estação de Modena até que planejaram entrar sem serem vistos em um trem que fazia o horário da noite. Já em território francês, teria de desembarcar com todo o cuidado para não serem vistos, ou, teriam de pagar pesadas multas. Quando chegaram à casa de Magda, "Estávamos quase maltrapilhos depois de quatro dias de viagem. Foi uma epopeia!", relembra.

Férias – Assim como a França, a UFRGS é outra constante na vida de Lovois. Dos 2 aos 18 anos ele, os pais e os quatro irmãos passaram parte do verão na Colônia de Férias da Universidade, na praia de Tramandaí. Professor da Faculdade de Farmácia, Seu Lovois, junto com seus amigos e colegas na UFRGS, participava do sorteio de vagas para a ocupação das instalações da Colônia. A temporada era o momento mais especial do verão e esperado com muita ansiedade. As crianças gostavam tanto que na hora de virem embora era aquela choradeira, chegavam a se esconder para atrasar a viagem. Numa dessas vezes, Lovois acabou sendo esquecido pela família, que só percebeu que faltava um dos rebentos quando fizeram a primeira parada costumeira em Osório: "Esquecemos um!".

Aos 9 anos de idade, Lovois contou sua primeira mentira de pescador, embora fosse um criador de pássaros até os 15 anos, na casa que segue sendo da família no bairro Floresta, em

Porto Alegre, cidade em que nasceu em 1962. Junto com outros meninos que veraneavam na Colônia, voltou exibindo dois peixes espadas enormes, depois de uma tarde de pesca na ponte que liga Imbé a Tramandaí. Quando, porém, ficaram sabendo que eles haviam pedido os peixes a pescadores da Barra do Imbé, perderam a pose de heróis e passaram a execrados: "Até hoje me lembro daquela cena, todo mundo olhando a gente chegar com aqueles peixes gigantesco".

Quando completou 18 anos, os pais de Lovois compraram uma casa em Tramandaí, e com isso se acabaram as temporadas na Colônia da UFRGS. Tempos depois, em 1982, entretanto, ele entraria para o curso de Agronomia, continuando assim seu vínculo com a Universidade onde, até hoje, se sente familiarizado e mantém amigos desde o tempo da infância em Tramandaí. Sua carreira docente começaria em 1997, quando foi aprovado em concurso para uma vaga na Faculdade de Economia.

Atualmente, além da direção do Iepe, segue ministrando aula na graduação, na pós-graduação e orientando alunos. É um dos mentores do curso de graduação tecnológica na modalidade a distância em Desenvolvimento Rural (Plageder), do qual é o coordenador geral. Mesmo com tanta atividade dentro da UFRGS, o dia de Lovois também tem 24 horas, como todos nós. E ele costuma encerrá-lo colocando os filhos na cama às 20h30min, assim como a mãe fazia com ele e os irmãos. Depois, o professor janta com a esposa, dá uma conferida no Canal TV5 e, antes de deitar, perto da meia-noite, ainda revisa seu material de trabalho para o dia seguinte antes de apagar as luzes do seu apartamento no bairro Petrópolis, Zona Norte de Porto Alegre.



Ainda não é **verão**

TEXTO E FOTOS **MARCO A. F.**



Eis que, um pouco antes de eu completar o primeiro ano de idade, meus pais compraram um pequeno apartamento na cidade de Tramandaí. Foi nessa cidade que, desde então, passei todos os verões da minha infância e juventude.

De janeiro a março, aquela era a minha cidade, o meu lar, com suas ruas irregulares, calçadas gramadas, casas de muros baixos e a praia de areia escura. Para mim, esses três meses de férias no litoral eram a “vida real”. O restante não passava de um interlúdio sem graça, impregnado de um constante desconforto – o mesmo que, acredito, sentem aqueles que são condenados ao exílio.

Aos poucos o tempo passou – como havia de ser –, e assim os verões foram ficando mais curtos, até que sumissem quase por completo. Tramandaí, outrora farta de amigos, experiências e diversão, tornou-se para mim uma cidade fantasma, assombrada por um passado que eu tentava reencontrar, mas que já não mais estava lá.

O trabalho aqui apresentado – a série Já não é mais verão – pretende contar essa pequena história particular de um tempo que ficou para trás, do verão que já não é mais. Busca também mostrar essa cidade num momento que não é o dela, quando vive um tempo suspenso, no qual a maior parte de seus “habitantes” já não se encontra ali, mas sim recolhida em seu exílio, à espera que o verão retorne.

MARCO A. F. É JORNALISTA FORMADO PELA UNISINOS.

